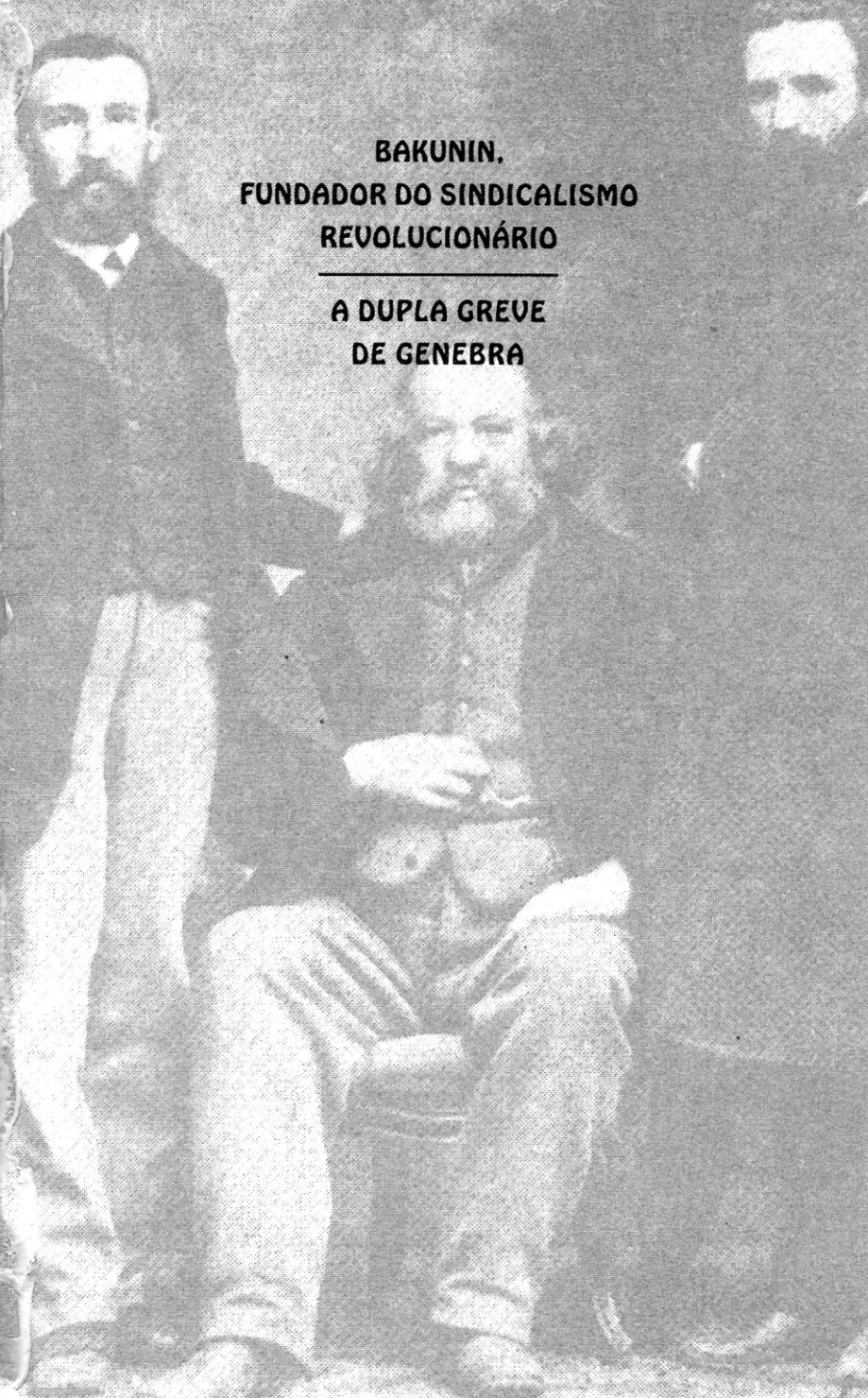


Gaston Leval Mikhail Bakunin

**BAKUNIN,
FUNDADOR DO SINDICALISMO
REVOLUCIONÁRIO**

**A DUPLA GREVE
DE GENEBRA**



**BAKUNIN,
FUNDADOR DO SINDICALISMO
REVOLUCIONÁRIO**

**A DUPLA GREVE
DE GENEBRA**

SUMÁRIO

Introdução	7
Bakunin, fundador do sindicalismo revolucionário	19
Nota preliminar	19
Anarquistas e sindicalismo	21
Pré-sindicalismo	24
Tateios	26
Aporte de princípios	37
O fundador do sindicalismo	42
Tática de recrutamento	45
A educação pelos fatos	49
Valor das greves	54
A greve geral	57
A consciência operária	63
Cultura humanista das massas	67
Criação prática	74
O Congresso de Saint-Imier	78
Última recomendação	82
A Dupla Greve de Genebra	87

INTRODUÇÃO

Alexandre Samis

No ócasi do setecentos, em apoio aos fatos, ou antes, para forjar o significado da imensa pira acesa na França com a revolução de 1789, as camadas sociais, que das labaredas saltavam, buscaram definir a idéia de liberdade. Para a burguesia, na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, daquele mesmo ano, o laureado termo consistia em se “fazer tudo o que não prejudicasse o próximo”. Evidentemente associada ao binômio propriedade-Estado, a definição embutia em seu texto a perspectiva de que a sociedade podia ser, de forma esquemática, o simples somatório das partes. Algo como uma associação de entes privados, independentes em suas ambições pessoais e unidos circunstancialmente por um vínculo de interesses efêmeros que de perene só possuíam a prevalência do projeto pessoal de cada um. Ainda nesse mesmo período, uma outra concepção de liberdade, a dos “montanheses”, aliados dos *sans-culottes*, transcrita na Carta de 1793, dizia estar a liberdade

associada diretamente à felicidade. Para estes “*o fim da sociedade era a felicidade de todos*”, salientando a necessidade de uma mais profunda mudança na ordem social vigente.

Em comum, tanto uma quanto a outra *démarche*, postulavam a manutenção do recorte histórico que havia aprisionado em Estados as diversas etnias européias. Diversamente, entretanto, os membros da Convenção Nacional, então alcunhados de “montanheses” pela posição que ocupavam no parlamento, como ponto de partida para a alteração do quadro social, atribuíam a este a responsabilidade pela felicidade de cada um. A novidade vinha por conta da indissociável relação entre a constituição das esferas pública e privada, além da evidente atenção que deveria ser dada à organização na futura sociedade que se buscava construir. Uma organização cujo paradigma era agora coletivo, de classe, sem ocultar as contradições, e que deveria, pela condição de cidadão, atribuída indistintamente a todos, corrigir as assimetrias associadas à velha ordem recém-destruída.

No século seguinte, a Revolução Francesa serviu de marco teórico para uma vasta diversidade de opiniões e de juízos formulados a respeito de levantes, insurreições e contendas políticas endêmicas por toda a Europa e mesmo fora dela. Mikhail Bakunin, nos anos de 1860, dizia da opção dos montanhesees jacobinos, ao utilizarem indiscriminadamente a guilhotina, que esta tinha eliminado os aris-

tocratas sem eliminar a aristocracia, e que era inconciliável a convivência de um projeto real de liberdade nos moldes políticos de uma ditadura. Para Bakunin a liberdade, questão central para os anarquistas, possuía suas raízes complexas. Mas era a sociedade, em última análise, que ensejava a realização concreta de um tão primordial desejo humano. Segundo ele:

... cada indivíduo tem, ao nascer, em graus diferentes, não idéias e sentimentos inatos como pretendem os idealistas, mas a capacidade material e formal de sentir, de pensar, de falar e de querer. Só traz consigo a faculdade de formar e desenvolver idéias e, como acabo de dizer, uma capacidade de atividade formal, sem nenhum conteúdo. Quem lhes dá o seu primeiro conteúdo? A sociedade.

Em comum com a proposição dos montanhese apenas restava a preocupação com a sociedade, lócus privilegiado da realização de toda a utopia. Contra a mistificação, acrescentava:

E sendo assim, nós temos de rejeitar a possibilidade do que os metafísicos chamam as idéias espontâneas da vontade, o **livre arbítrio** e a responsabilidade moral do homem, no **sentido teológico, metafísico e jurídico desta palavra**".

Para tanto, Bakunin chama a liberdade a um espaço concreto, definido coletivamente e possível ape-

nas pela ação conjunta dos homens que, na sua pluralidade, concebem e transformam o meio através da própria sociedade. É por conta desta perspectiva que seu pensamento se nos apresenta como um constante e instigante convite à imanência e à ação ancorada nas impressões humanas e nas suas necessidades, muitas vezes tão complexas quanto subjetivas.

Dessa forma, e os textos de Gaston Leval e do próprio Bakunin assim o atestam, muito do que escreveu teve como principal objetivo interferir na forma de organizar as ações dos homens no coletivo, na sociedade. O sindicalismo, com efeito, por ser o aspecto mais visível da organização dos explorados, a despeito de ter ele contemplado também os desclassificados pela precariedade laboral, foi objeto de grande interesse seu. Principalmente no contexto do Congresso da Basiléia, em 1869, Bakunin, em contraste com a corrente alemã que propunha uma orientação mais política — partidária — para a Associação Internacional dos Trabalhadores (A.I.T.), defenderia a unidade econômica do proletariado. Desenhava-se aí a sua posição em favor do que, em não muitos anos, iria constituir-se no sindicalismo revolucionário.

Os anos que sucederam a Comuna de Paris e mesmo a morte de Bakunin, em 1876, apesar da pesada repressão, não foram capazes de entregar ao esquecimento a tradição sindical da A.I.T. Segundo o historiador Élie Halévy, as propostas de Bakunin espalharam-se pela Espanha, ainda mais após 1873. Pela

fronteira espanhola, e pela Suíça, teriam chegado à França e crescido consideravelmente. Na Bélgica, onde na mesma época grande parte dos socialistas era bakuninista, influenciaram sobremaneira os autonomistas que se reuniram nos Congressos de Bruxelas, em 1874; de Berna, em 1876; de Verviers, em 1877 e no de Gand, no qual se tentou ainda uma aproximação sem sucesso com os “autoritários” [marxistas]. Essa vertente do anarquismo se estenderia para além de 1880 com características que poderiam classificá-la como movimento de massas, e, no fim do século XIX, com o advento do sindicalismo, retornaria ainda sob a forma e os pressupostos defendidos por Bakunin.

Segundo Émile Pouget — ao estabelecer a genealogia da greve geral, uma importante forma de luta adotada pelos sindicalistas revolucionários —, durante a Internacional, no Congresso de 1866, discutia-se já o uso das greves parciais e da generalização desta prática. Em Bruxelas, dois anos depois, falava-se em uma “greve universal” e, no ano de 1869, após o Congresso da Basiléia, o jornal belga *L'Internationale*, defendia a greve geral que deveria preceder uma nova sociedade. Estas posições refletem o crescimento de uma vertente de perspectiva econômica que pretendia, pela greve geral, acabar com a exploração capitalista. Entre os anos de 1870 e 1871, entretanto, com o enfraquecimento da Internacional, passou à vigência em seu interior uma orientação mais política para o movimento social.

Apesar de tal realidade, na estrutura da Internacional, que em alguns Congressos regionais, como o da sessão belga, em 1873, onde se encontravam muitos seguidores de Bakunin, era ainda possível discutir a greve geral. A posição belga acabaria por ser levada ao Congresso Geral da Internacional, naquele mesmo ano, em Genebra, que contou com as presenças dos então anarquistas, adeptos da “propaganda pelo fato”, Andrea Costa e Paul Brousse. A greve geral ocuparia uma vez mais grande parte dos debates, e sensibilizaria o conselho federal da América do Norte. Apesar de ainda ter suscitado bastante interesse e, inclusive, ter sido considerada, neste Congresso, como equivalente à revolução social, corolário da expropriação capitalista, as decisões do Congresso de Haia, em 1872, haviam de fato aberto o caminho para o estabelecimento das teorias social-democratas, o que relegou ao olvido as táticas associadas à greve geral.

O ressurgimento da greve geral dar-se-ia, então, nos Estados Unidos, em função das necessidades de redução da jornada de trabalho e algumas outras melhorias parciais. Os socialistas, por se tratar de um movimento econômico, afastaram-se das agitações. Os anarquistas, em particular um grupo recém-formado em Chicago, inversamente, engajaram-se na luta. Foi nesse contexto, no 1º de Maio de 1886, que os anarquistas se destacaram na luta pelas oito horas, e ficaram ainda mais claramente identificados com a greve geral.

Em 1888 a greve geral retornava à discussão no Congresso Operário de Londres e, no mesmo ano, em Bordeaux, era defendida e adotada como forma de luta. Foi com certeza o anarquista Joseph Jean-Marie Tortelier — que por esse tempo pregava por toda a França a idéia de greve geral — um dos maiores responsáveis pela atualização e disseminação deste método nos meios operários. Tortelier, em companhia de Louise Michel e Charles Malato, diante de concorrida assistência em uma das várias greves acontecidas no ano em questão, defendeu entusiasmaticamente a “greve universal” para a criação da “sociedade nova”. Foram ainda os anarquistas Delesalle e próprio Pouget que conseguiram, no Congresso de Toulouse, em 1897, que fossem adotadas as táticas de boicote e sabotagem pela Confederação Geral do Trabalho (C.G.T.).

Todos estes anarquistas de alguma forma buscavam resgatar a perspectiva de Bakunin. No caso francês, o da C.G.T. — paradigma para o sindicalismo revolucionário em diversos países —, as táticas do boicote, sabotagem e da greve geral, combinadas ainda a uma profunda desconfiança em relação à política parlamentar, indicavam claramente a presença libertária na formulação dos postulados sindicais.

No Brasil, o Congresso Operário de 1906, confessadamente inspirado no modelo francês, adotava postura muito semelhante àquela verificada na CGT. Sem a adesão clara ao anarquismo, como em muitas

partes do mundo, os sindicalistas reunidos no Rio de Janeiro comemoraram a criação da Confederação Operária Brasileira e saudaram "o operariado francês". Para o português Neno Vasco, importante militante anarquista à época morando no Brasil:

O Congresso não foi, decerto, uma vitória do anarquismo. Não o devia ser. A Internacional, desfeita por causa das lutas de partido no seu seio, deve ser memorável lição para todos. Se o Congresso tivesse tomado caráter libertário, teria feito obra de partido, não de classe. O nosso fim não é constituir duplicatas dos nossos grupos políticos. Mas se o Congresso não foi a vitória do anarquismo, foi, porém, indiretamente útil à difusão das nossas idéias.

Neno Vasco resumia assim a proposta original de Bakunin desde sua adesão à causa da A.IT. O sindicalismo era um meio, não um fim. Os anarquistas, dessa forma, deveriam fazer a propaganda da causa onde quer que se encontrassem os operários, espaços nos quais a sensibilidade deveria ser maior, no local onde a luta de classes auxiliasse na compreensão da real condição de explorado comum a todos.

Destarte, o conceito de sindicalismo revolucionário erigiu-se em conformidade com as práticas dos militantes libertários. Foi de fato na ação, e a partir das táticas consagradas pela experiência, que os contornos de uma doutrina sindical mais radical foram sendo cinzelados e assumiram a forma, a

expressão histórica, que tanto animou setores significativos da classe operária. A despeito de reinterpretções da história deste período, ou da hermenêutica empertigada de determinadas capelinhas acadêmicas, foi mesmo a afluência anarquista que, nos campos teórico e prático, mais claramente colaborou para que o sindicalismo revolucionário merecesse dos trabalhadores enorme atenção. Como se viu, e os textos aqui publicados poderão demonstrar com exuberância de elementos, a força que logrou colocar anônimos operários na ribalta dos acontecimentos e, de forma organizada, na dianteira de diversas manifestações por mais de três décadas não se constituiu em poucos anos. Antes, foi fruto de intenso trabalho, refletido, vivenciado e urdido em intermináveis noites de vigília prenhes de ensinamentos e estômagos vazios; experiências fundamentais nas quais Bakunin, figura presencial em um número excepcional de motins e rebeliões, fez por merecer o destaque que possui hoje na história dos movimentos sociais e lutas dos trabalhadores.

**BAKUNIN,
FUNDADOR DO SINDICALISMO
REVOLUCIONÁRIO**

Gaston Leval

**BAKUNIN,
FUNDADOR DO SINDICALISMO
REVOLUCIONÁRIO**

Gaston Leval

Nota preliminar

O verdadeiro fundador do sindicalismo revolucionário foi Bakunin. Eis o que ignoram em demasia, ou que silenciam não sei por qual motivo, pois, nas construções teóricas e táticas quanto ao objetivo e às tarefas históricas do sindicalismo, Bakunin contribuiu com um conjunto de pensamentos de uma riqueza e de um dinamismo que não só não foram superados, como jamais foram iguallados por qualquer outro pensador. E podemos afirmar que o estado cadavérico no qual hoje se encontra o que foram, durante um curto período, um movimento e uma esperança revolucionários, provém, em primeiro lugar, da ausência de uma doutrina assaz vasta para abarcar os grandes problemas colocados pela luta social, e assaz profunda para resistir aos assaltos das dou-

trinas adversas bem como aos desvios reformistas e políticos.

O estudo fragmentário a seguir apresenta a prova. Talvez, no momento em que alguns camaradas esforçam-se para construir uma força sindicalista libertária, seria útil estudar Bakunin e inspirar-se nos princípios e, inclusive, nos métodos de ação por ele expostos. Isso porque, como em tantas outras coisas, o que ele disse e escreveu conserva e conservará um caráter de perenidade.

Anarquistas e sindicalismo

Em sua primeira e longa introdução à obra *Reflexões sobre a violência*, datada de julho de 1907, Georges Sorel escrevia a propósito da adesão dos anarquistas à atividade sindical, após os danos do período dito “heróico”: “Os historiadores verão um dia, nessa entrada dos anarquistas nos sindicatos, um dos maiores acontecimentos que se produziram em nossa época; e, então, o nome de meu pobre amigo Fernand Pelloutier será conhecido como merece sê-lo.” No mesmo livro, ainda lemos: “Acusam os partidários da greve geral de ter tendências anarquistas; observam, com efeito, que os anarquistas entraram em grande número nos sindicatos desde há alguns anos, e que eles trabalharam muito para desenvolver tendências favoráveis à greve geral.”

Todavia, completamente ocupado em fazer, embora ele se defenda disso, uma apologia sistemática da violência — não autoritariamente organizada, é verdade —, Sorel não vê nesses anarquistas senão os introdutores da violência na luta operária. E, confundindo voluntariamente, a fim de justificar sua pretensão à originalidade de uma doutrina sindicalista, os estetas que se fizeram chamar anarquistas por esnobismo, com os sociólogos, ele enterrava estes últimos sob as tolices dos primeiros.

Era-lhe necessário, portanto, prestar homenagem a Fernand Pelloutier; ora, este último, anarquista desde 1894, secretário desde 1895 da Federação das

Bolsas do Trabalho, das quais foi o incansável apóstolo, havia trazido ao movimento sindical outra coisa que o emprego a força. Outros também, dentre os quais Yvetot, Pouget, Delessale, Dumoulin, até mesmo Jouhaux, e centenas de militantes obscuros que passaram pelo anarquismo, depois insuflaram ao movimento sindical francês um grande número de idéias fundamentais que se iria, em seguida, reunir em um corpo de doutrina denominado sindicalismo. Se, na seqüência, uma parte deles cessou de ser o que havia sido, a culpa não cabe às idéias, mas à lassidão de uns, à fraqueza ou ao arrivismo dos outros.

De onde vinham essas idéias das quais o essencial pode ser resumido em alguns pontos: luta operária independente de todo partido político, ação direta, reivindicações econômicas como elemento de atração e motor da luta proletária, eliminação do capitalismo e do Estado — de todo Estado —, criação de uma sociedade sem classes pelas organizações operárias, internacionalismo e antimilitarismo?

James Guillaume escrevia, em 1905, que a Confederação Geral do Trabalho da França era a continuação da Primeira Internacional. Todavia, na Primeira Internacional, só uma tendência, que se tornou majoritária, defendeu o conjunto dos princípios que sempre constituirão o corpo de doutrina do sindicalismo revolucionário: aquela do socialismo-federalista-antiautoritário cujo criador, inspirador e animador principal foi Bakunin.

E o sindicalismo revolucionário de 1905 nada mais era que a ressurreição desse movimento do qual ele tomava emprestado diretamente tudo o que podia lhe dar um valor real.

Pré-sindicalismo

Em 7 de fevereiro de 1865, Bakunin escrevia, de Florença, uma carta a Karl Marx. O tom desta era cordial, até mesmo alegre. O autor desculpava-se por não ter acusado mais cedo o recebimento de um exemplar da *Mensagem inaugural* da Associação Internacional dos Trabalhadores, e comunicava as inúmeras dificuldades que ele encontrava na Itália para começar a obra de proselitismo e de agrupamento das forças das quais fora encarregado. A situação não era favorável. Mazzini e Garibaldi açambarcavam toda a juventude progressista burguesa, em sua quase totalidade, e Bakunin, estrangeiro, privado de liberdade de propaganda e ação para agir sobre aproximadamente seiscentos sindicatos que agrupavam, na região piemontesa, mais de um milhão de aderentes, declarava nada poder fazer, momentaneamente, ao menos.

E ele dizia a verdade. Todavia, além dessas razões e o fato de que Florença não era uma cidade industrial, outras causas o impediam de fundar, então, as primeiras seções internacionalistas. Ele próprio estava ocupado em organizar e desenvolver a Fraternidade Internacional, sociedade secreta à qual Élisée Reclus aderiu durante uma viagem à Sicília, e a orientar alguns elementos maçons em um sentido revolucionário. Depois, ele não se sentia inclinado a trabalhar, mesmo à distância, com homens que, havia muito tempo, cumulavam-no de calúnias infames.

Enfim, ele parecia não ter compreendido ainda as possibilidades do movimento especificamente operário na Europa.

O caráter inofensivo, mais conservador do que reformista das associações proletárias na Itália, também explica sua atitude. Os tempos ainda não eram favoráveis. Se estivesse em Londres quando os trabalhadores ingleses e franceses decidiram fundar a Internacional, ele teria, com os refugiados socialistas e comunistas que lá se encontravam, agido no mesmo sentido que Marx.

Temos disso uma prova evidente no *Catecismo revolucionário*, no qual, em parte alguma, são abordadas questões de associações pré-revolucionárias de trabalhadores, utilizadas como elementos de construção do socialismo. Bakunin atribui muita importância às cooperativas *operárias* — o que implica uma posição de classe — e, quando ele prevê as instituições da nova sociedade, enumera as comunas e suas federações provinciais, regionais, nacionais e internacionais, bem como as associações de produtores, mas é visível que essas associações serão para ele constituídas *após* a revolução. Nenhuma referência às “uniões de ofício”, como se as chamavam, então, as organizações operárias.

Igualmente, no programa da Fraternidade Internacional, que vem após o *Catecismo* e é uma síntese mais claramente antiautoritária, trata-se de reorganizar a sociedade de *baixo para cima*, mas nada de uniões operárias nascidas da luta de classe.

Tateios

Foi em 1867 que, delegado da Fraternidade Internacional, ele foi a Genebra participar do Congresso da Liga da Paz e da Liberdade, para lá defender o programa socialista antiautoritário. Estabelece, então, contato com as seções da Internacional, e a ela adere em julho de 1868, esforçando-se para levar consigo a seção genebresca da Liga. Ele fracassa, mas consegue que seja adotada pelo comitê central uma *Declaração de princípios*, cujo segundo ponto reivindica “a autonomia dos indivíduos, das comunas e das províncias em seus interesses respectivos”, e o terceiro declara

que o sistema econômico atual deve ser radicalmente alterado se quisermos chegar a uma repartição eqüitativa das riquezas, do trabalho, do lazer, da instrução, condição essencial da liberação das classes operárias e da abolição do proletariado.

Ainda não se trata de organização separada desse proletariado. No entanto, Bakunin não se limita a aderir à Internacional, naquele momento composta unicamente de associações operárias. Obtém que o mesmo comitê central da Liga, no seio do qual ele se esforçará durante um ano para fazer triunfar seus pontos de vista, envie uma representação ao Congresso que a Internacional realiza em Bruxelas. O Congresso rejeita a delegação. Isso não impede Bakunin de escrever a Karl Vogt:

É um grande, é o maior acontecimento de nossos dias; e, se somos sinceros democratas, devemos não apenas desejar que a Liga internacional dos operários acabe por abarcar todas as associações operárias da Europa e da América, mas devemos nela cooperar, por todos os nossos esforços, porque só ela constitui, hoje, a verdadeira potência revolucionária que deve mudar a face do mundo.

De uma só vez, a posição definitiva é adotada, o caminho traçado. Ele trará toda a sua força de pensamento e ação à organização específica dos trabalhadores.

Todavia, quais são os princípios, qual é a doutrina dessa associação definitivamente constituída no Congresso de Genebra de 3 de setembro de 1866? Encontramos no *Preâmbulo* dos estatutos as duas alíneas seguintes:

Que a sujeição do trabalhador ao capital é a fonte de toda servidão: política, moral e material; que, por esta razão, a emancipação econômica dos trabalhadores é o grande objetivo ao qual deve estar subordinado todo o movimento político,

mas, de fato, esses princípios, em que o problema do Estado é deixado na obscuridade, e o problema político apresentado de modo vago, são formulados por uma minoria de militantes reunidos num Congresso, influenciados pelo Conselho Geral de Londres que

Marx e Engels inspiram e dirigem. E isso é insuficiente.

Em todas essas seções primitivas — escreve James Guillaume em relação à Suíça — a concepção da Internacional ainda estava mal definida. A palavra de ordem fora lançada em todas as direções: “Operários de todos os países, associai-vos!”, e eles associaram-se, reunindo todos os operários indistintamente em uma única e mesma seção. Assim, os elementos mais heterogêneos, em sua maioria muito pouco sérios, acotovelavam-se nas reuniões da Internacional, e a influência acompanhava aqueles que sabiam bordar as mais belas frases relativas a este tema de um vago e complacente: “Deus, pátria, humanidade, fraternidade.”¹

Na Suíça, como órgão de imprensa, a Internacional só contava com um hebdomadário, intitulado *La Voix de l'avenir*, editado pelo doutor Coullery, um democrata, primeiro fundador e animador das seções de Genebra. Este jornal não tinha “outro programa senão uma espécie de neocristianismo humanitário”. Ele encontrou inúmeros leitores não apenas na região românica, mas na França.

As idéias não penetraram tão rápido quanto se o queria nos cérebros, e o Congresso da Internacional quase não teve eco. Ainda não havia espírito so-

1. *L'Internationale, documents et souvenirs.*

cialista proletário; James Guillaume é testemunha disso:

As discussões foram quase inteiramente dirigidas pelos mutualistas parisienses, Tolain, André, Murat, Fribourg, e, fora da adoção dos estatutos, o Congresso não tomou qualquer decisão de real importância. Por sinal, já o dissemos, naquele momento, nesse período embrionário em que a Internacional buscava-se a si mesma, nenhuma das seções de nossa região tinha ainda consciência do alcance real do ato que elas haviam realizado ao criar a Associação Internacional dos Trabalhadores; não se concebia outra solução aos problemas econômicos senão a cooperação e as reformas legislativas, e o programa de *La Voix de l'avenir* exprimia assaz fielmente as tendências gerais dos operários suíços.

Essa imprecisão, que permitia a radicais burgueses manifestarem sua simpatia pela Internacional, ainda persistia, quando, um ano mais tarde, ocorreu o Congresso de Lausanne, no qual foi votada por unanimidade uma resolução afirmando que “a emancipação social dos trabalhadores é inseparável de sua emancipação política; o estabelecimento das liberdades políticas é uma primeira medida de absoluta necessidade”. Entre os signatários da proposição encontravam-se o próprio James Guillaume e Charles Perron, sendo que ambos iriam se tornar os principais propagandistas suíços do socialismo anarquista.

A situação estava também confusa no plano internacional. Ela estava, sobretudo, dominada pelos partidários das reformas políticas, da tática legislativa e parlamentar. Vimos que os mutualistas franceses haviam dominado o Congresso de Genebra. Ora, embora proudhonianos, esses homens haviam decidido, desde o *Manifesto dos sessenta*, ir à conquista do Poder e preconizavam, antes dos socialistas marxistas, uma *política operária* claramente reformista. Com os blanquistas, eles exerciam uma influência preponderante sobre o movimento operário francês. Por outro lado, Marx e os marxistas projetavam a conquista do Poder político sem ter precisado ainda muito bem os meios no plano internacional; mas a resolução adotada pelo Congresso de Lausanne, em 1867, e a tática parlamentar recomendada por Liebknecht e Bebel, na Alemanha, provavam bastante bem sua intenção de dirigir o conjunto do movimento operário sobre a mesma via. A resolução definitiva do Congresso de Haia logo o confirmará.

A subordinação de todo o movimento político à emancipação econômica dos trabalhadores não impede de modo algum sua existência, e implica, malgrado a interpretação negativa que Bakunin e seus amigos farão mais tarde desse parágrafo, que os trabalhadores terão de — ou devem — desenvolver uma atividade política.

Tal era a situação da Internacional quando Bakunin a ela aderiu em julho de 1868. Mas ele ainda era membro da Liga da Paz e da Liberdade, e de seu

comitê central, no qual se esforçava para fazer triunfar o princípio do socialismo revolucionário. Derrotado pela maioria liberal no congresso que essa organização realizou em Berna, em setembro de 1868, Bakunin propôs a seus amigos que ingressassem em bloco na Internacional.

Uma trintena de delegados acompanham-no e fundam de imediato a Aliança Internacional da Democracia Socialista. Embora mais breve, o programa da nova organização é mais amplo, mais humano, mais completo que o *Preâmbulo* dos estatutos da Associação Internacional. Este último limitava-se a apontar o problema das classes, a falar da emancipação dos trabalhadores pelos próprios trabalhadores, a recomendar a estes para se unirem nacional e internacionalmente. O programa da Aliança reivindica:

1º) a abolição dos cultos; 2º) a igualdade política, econômica e social para os indivíduos dos dois sexos; 3º) o direito para todas as crianças à instrução e à educação as mais amplas possíveis em todos os campos da cultura e do trabalho; 4º) a recusa de “toda ação política que não tenha por objetivo imediato e direto o triunfo da causa dos trabalhadores contra o capital”; 5º) declara que “os Estados políticos e autoritários atualmente existentes deverão desaparecer na união universal das livres associações, tanto agrícolas quanto industriais”; 6º) que “a questão social, não podendo encontrar sua solução definitiva e real senão na base da solidariedade internacional dos

trabalhadores de todos os países, a *Aliança* rejeita toda política fundada no, por assim dizer, patriotismo e na rivalidade das nações"; 7ª) quer "a associação universal de todas as associações locais pela liberdade."

Essa diferença de conteúdo pode explicar-se de várias maneiras, todas se completando: *a)* o *Preâmbulo* dos estatutos da Primeira Internacional fora escrito para os trabalhadores manuais, e não deveria abordar muitos problemas para ser compreendido, enquanto o *Programa* da Aliança fora escrito para indivíduos selecionados, tendo uma cultura social, uma ampla visão da vida e da sociedade; *b)* o espírito marxista só via os problemas, antes de tudo e sobretudo, sob o ângulo econômico, todos os outros parecendo-lhe, segundo a doutrina, subordinados (por exemplo, a emancipação da mulher não devia ser o resultado de um direito moral, mas da evolução das formas de produção, única maneira "científica" de apresentar o problema); o espírito bakuninista, humanista antes de tudo, abarcava o ponto de vista econômico, mas igualmente ético e humano; *c)* sentindo o perigo da imprecisão, a Aliança preferia ser explícita quanto à sua posição negativa e completá-la ressaltando seus meios de reconstrução social (união universal das livres associações tanto agrícolas quanto industriais etc.)

A diferença de objetivos, meios e conteúdo humano das duas organizações explica aquela dos pro-

gramas. Todavia, a diferença doutrinária e psicológica também o explica. E, provavelmente, a maturidade de pensamento socialista, no sentido integral da palavra, é muito maior entre os aliancistas do que entre os marxistas.

É com esse conteúdo doutrinário e ideológico, com essa amplitude de pontos de vista que os amigos de Bakunin acompanham-no na Internacional. No início, a maioria deles quer aderir individualmente, fazendo da Aliança uma outra organização revolucionária, agindo abertamente, propagando e organizando a revolução social por uma atividade autônoma. Bakunin opõe-se a isso para evitar uma rivalidade com a Associação Internacional dos Trabalhadores, e a Aliança adere à Internacional impondo a cada um de seus membros a aceitação do programa redigido pelo Conselho Geral de Londres.

O artigo 7 do *Regulamento* da seção genebres, redigido por Bakunin, como o *Programa* da Aliança, diz textualmente:

A forte organização da Associação Internacional dos Trabalhadores, una e indivisível através de todas as fronteiras dos Estados e sem qualquer diferença de nacionalidade, bem como sem consideração por qualquer patriotismo, pelos interesses e pela política dos Estados, é a garantia mais certa e o único meio para fazer triunfar solidariamente em todos os países a causa do trabalho e dos trabalhadores.

Convictos dessa verdade, todos os membros da seção da Aliança engajam-se solenemente a contribuir com todos os seus esforços ao crescimento da potência e da solidariedade dessa organização. Em consequência disso, eles se engajam a apoiar em todos os corpos de ofício dos quais fazem parte e nos quais exercem uma influência qualquer, as resoluções de Congresso e o poder do Conselho Geral de início, tanto quanto o do Conselho Federal da Suíça românica e do comitê de Genebra, enquanto poder estabelecido, determinado e legitimado pelos estatutos.

O que se denominará, mais tarde, doutrina sindicalista, já é esboçada, tanto no *Programa* da Aliança quanto em seu *Regulamento*, e devemos ter em mente que são Bakunin e seus amigos que, na segunda alínea de seu *Programa*, estabelecem como princípio que

conformemente à decisão tomada pelo último Congresso dos operários em Bruxelas, a terra, os instrumentos de trabalho, assim como qualquer outro capital, tornando-se a propriedade coletiva da sociedade por inteiro, não podem ser utilizados senão pelos trabalhadores, quer dizer, pelas associações agrícolas e industriais.

O próprio Congresso que a Internacional realizou em Bruxelas contentou-se em declarar que

é só pelas associações cooperativas e pelo crédito mutual que o trabalhador pode chegar à posse das máquinas.

Enquanto a Aliança atribui às associações operárias a organização socialista da produção, a expropriação, violenta ou não violenta, do capital econômico e financeiro, essas mesmas associações ainda não ousam encarregar-se dessa dupla tarefa. E, entre os operários suíços, nada indica uma tomada de posição operária independente da atividade política e determinada por uma consciência socialista. Os trabalhadores não encontraram seu próprio caminho. James Guillaume ainda é partidário da política municipal e, em 13 de dezembro de 1868, fala no Locle, em assembléia eleitoral, em favor do referendo e da legislação direta. O "Pai Meuron", bela e nobre figura que não tardará a evoluir para a esquerda do socialismo, acompanha-o e funda com ele um jornal, *Le Progrès*, que tem por objetivo defender essa atividade política muito avançada para a época. O novo jornal era o órgão dos *democratats do Locle*,

dos democratats e não dos socialistas, visto que uma parte dos radicais havia feito causa comum conosco, e que o programa que havíamos apresentado no terreno municipal era simplesmente aquele de uma extensão dos direitos do povo,

escreve James Guillaume.²

Essas duas atitudes são tomadas simultaneamente, e é a intervenção de Bakunin que, no seio da

2. *L'Internationale, documents et souvenirs.*

Internacional, vai fomentar a luta de classes, a audácia operária, e preparar os trabalhadores, mental e organicamente, para realizar, por eles próprios, embora com o concurso dos elementos revolucionários cultos e sinceros emanados da burguesia, sua emancipação social. É desse momento e dessa atividade que nasce igualmente o movimento socialista anti-autoritário que brilhará sobre a Europa, e Kropotkin poderá escrever na obra *Em torno de uma vida* que Bakunin havia

ajudado os camaradas do Jura a pôr ordem em suas idéias e a formular suas aspirações, inspirar-lhes seu entusiasmo revolucionário ardente, irresistível.

Aporte de princípios

Em 25 de outubro, sempre no mesmo ano, é celebrada em Neufchâtel uma conferência que decide fundar a Federação românica, seção regional da Internacional, da qual Bakunin redige os estatutos, e, em 19 de dezembro, no dia seguinte ao surgimento de *Le Progrès*, no qual James Guillaume defende o programa político que vimos, aparece o número espécimen de *L'Égalité*, órgão dessa federação.

Ele publica as respostas aos pedidos de colaboração que Bakunin, James Guillaume, Jules Gay, Benoît Malon, Eugène Varlin, Élisée Reclus, Hermann Jung, Georges Eccarius, Jean-Philippe Becker, Carlo Gambuzzi, Alberto Tucci e César De Paepe enviaram. Karl Marx recusou-se “por razões de saúde”.

De todos esses colaboradores de qualidade, a metade, ao menos, — Bakunin, Benoît Malon, Élisée Reclus, Becker, Gambuzzi, Tucci — é constituída por membros da Aliança. James Guillaume não tardaria a ser um dos melhores defensores das idéias bakuninianas, e o diretor do jornal, Charles Perron, que havia evoluído mais rápido que Guillaume, aderiu à Aliança de tal maneira que será, às vezes, difícil distinguir se tal artigo editorial não assinado é dele ou de seu camarada russo.

É naturalmente o diretor que imprime no jornal sua orientação, pois os colaboradores distantes enviam pouquíssimos artigos, e não há *in loquo* marxistas notórios. Bakunin está lá, também. O primeiro

de seus escritos, *Carta à comissão do jornal*, resume de maneira definitiva não apenas seu pensamento, mas os objetivos essenciais da Internacional, que trinta ou quarenta anos mais tarde teóricos aparentemente originais apresentarão, particularmente na França, sob o nome de sindicalismo:

Considero essa Associação como a maior e a mais salutar instituição de nosso século, chamada a constituir em breve a maior força da Europa e a regenerar a ordem social [...]

É preciso que todos os trabalhadores oprimidos e explorados no mundo, dando-se as mãos através das fronteiras dos Estados políticos e, até mesmo, destruindo essas fronteiras, unam-se para a obra comum em um único pensamento de justiça e pela solidariedade dos interesses. Todos por um e um por todos. É preciso que o mundo divida-se uma última vez em dois campos, em dois partidos diferentes: de um lado, o trabalho em condições iguais para todos, a liberdade de cada um na igualdade de todos, a humanidade triunfante — a Revolução; do outro, o privilégio, o monopólio, a dominação, a opressão e a eterna exploração.

Essa posição — luta de classes — supera ainda o conteúdo do *Preâmbulo* dos estatutos da Internacional pelo fato de que atribui abertamente a esta a tarefa de criar o novo mundo. Ela também não se limita a pedir “a união fraternal dos operários de diversos países” (*Preâmbulo*), o que logo permitirá a

Marx e a seus amigos e continuadores de sustentar que o internacionalismo não implica o desaparecimento das nações politicamente organizadas, do espírito nacional e das fronteiras: ela quer a *destruição* dessas fronteiras e a unidade dos trabalhadores como vasto conjunto humano. Enfim, superando o espírito seco e estreito da luta de classes, Bakunin atribui-lhe amplos objetivos sem os quais ela não pode elevar-se à altura da humanidade. A Internacional vai, diz ele, substituir

a antiga injustiça pelo reinado de uma liberdade que, não excluindo quem quer que seja de seus direitos, tornar-se-á real e benfazeja para todo o mundo, porque ela será fundada sobre a igualdade e a solidariedade real de todos: no trabalho e na repartição dos frutos do trabalho; na educação, na instrução, em tudo o que se chama desenvolvimento corporal, intelectual e moral do homem, tanto quanto em todas essas nobres e humanas fruições da vida que não foram até aqui reservadas senão, exclusivamente, às classes privilegiadas.

Pode-se dizer que, em parte, apenas em parte, Bakunin desenvolvia as idéias de Proudhon, mas Proudhon, bem amiúde contraditório e desorientado pela esterilidade de seus esforços para realizar a revolução, construindo, no seio da sociedade capitalista, uma sociedade socialista, ou para obter a gratuidade do crédito pela via libertária ou pela via le-

gal, havia renunciado a continuar a luta sobre a base desses princípios; e seus discípulos, muito pouco numerosos, visto que nem sequer podiam publicar na França um jornal defendendo suas idéias, haviam evoluído para a tática parlamentar. De resto, nos primeiros congressos da Internacional, eles tinham defendido unilateralmente a concepção primeira de seu mestre, isto é, a posse, ou propriedade individual dos meios de produção. Conquanto se tratasse só de posse, termo assaz impreciso, isso não se encaixava com as organizações forçosamente coletivas dos trabalhadores. Como estas teriam podido aplicar um programa em plena contradição com o desenvolvimento da economia e sua própria estrutura?

Por sua vez, Bakunin defende o princípio socialista antiautoritário da organização da sociedade por ela mesma, sem intervenção política ou governamental. Isso faz parte de todo o seu sistema filosófico, de sua visão, de sua interpretação da vida universal, de seu princípio das leis inerentes oposto àquele das leis autoritárias. Mas quando é preciso refletir estritamente, especializar-se em relação ao problema específico da obra e da tática, dos métodos de recrutamento e de ação das organizações operárias que constituem a Internacional, ele o faz com novas reflexões que reencontraremos não apenas entre os militantes, mas entre os teóricos, pequenos ou grandes, do sindicalismo: Griffuelhes ou Sorel, Lagardelle ou Delesalle, Leone, Labriola ou Sergio Pannunzio, Anselmo Lorenzo ou José Prat, na França, na Itália,

na Espanha. Os italianos inspirar-se-ão em Marx, em sua interpretação economista do mecanismo de toda a vida humana. Os espanhóis, em seu período sindicalizante — pois eles são anarquistas —, farão bakuninismo integral sem sabê-lo, acrescentando ao sindicalismo francês, no qual parecem inspirar-se, o espírito mais amplo de suas próprias idéias. Os franceses tenderão, com seus teóricos, a criar uma escola doutrinária (“o sindicalismo basta-se a si mesmo”) retirando também de uns e dos outros o que há para eles e para os trabalhadores de mais acessível. Todavia, observemos que haverá a escola sindicalista libertária de Pelloutier, Yvetot, Pouget, e a escola doutrinária com teóricos neo-marxistas.

O fundador do sindicalismo

Excetuando o neo-marxismo, que, de fato, não exerceu qualquer influência sobre o movimento operário — Sorel não teve meia dúzia de leitores entre os militantes da C.G.T., enquanto Kropotkin teve milhares —, todo esse sindicalismo deriva de Bakunin e foi extraído das séries de artigos de *L'Égalité* e de *Le Progrès* que, alguns meses após sua aparição, tornava-se um dos principais propagadores da doutrina bakuniniana; também extraído de *La Protestation de l'Aliance* que, esta, por si só, diz tanto quanto disse Sorel em toda a sua obra, nas *Três conferências feitas aos operários do Vale de Saint-Imier* e na resolução de pensamento ou de estilo bakuniniana, do Congresso de Saint-Imier.

Esses escritos, cujo conjunto é copioso e nos quais encontramos, segundo o hábito de Bakunin, dissertações relativas a assuntos conexos, foram reproduzidos em *Mémoire de la Fédération Jurassienne* que, antes de 1914, encontrávamos reunido, em um espesso volume, em numerosas bibliotecas sindicais da C.G.T. francesa. Foi esse *Mémoire* que o autor destas linhas leu em 1913, que em 24 de janeiro de 1908, Hubert Lagardelle citava em sua conferência sobre Bakunin, com os três primeiros volumes de *L'Internacional, documents et souvenirs*, de James Guillaume, dos quais ele havia consultado o terceiro em estado de manuscrito, e nos quais se encontram tantos materiais relativos a Bakunin, tantos fragmentos de

seus escritos, especialmente quanto à questão operária e sindical.

Fernand Pelloutier, que não tinha a pretensão de criar uma doutrina sindicalista, invoca, em sua *Histoire des Bourses du Travail*, o “papel tão eloqüentemente definido por Bakunin, falando da sociedade federalista de amanhã”, declara que “os sindicatos operários realizam o princípio federativo tal como o formularam Proudhon e Bakunin”, cita este em sua *Lettre aux anarchistes*.

Em 1909, Amédée Dunois escreve em uma brochura sobre Bakunin essas linhas tanto mais extraordinárias porque a totalidade da obra de Bakunin ainda não fora publicada, e porque ele parece ignorar, inclusive, o *Mémoire de la Fédération jurassienne* (ao menos ele não o cita) — mas não as brochuras *Les Endormeurs* e *Politique de l'Internationale*, publicadas várias vezes, nem a obra de Guillaume, nem aquela, já citada, de Max Nettlau, *Life of Bakunin*. Amédée Dunois, dizíamos, escrevia:

Após trinta anos de incertezas e esforços, algumas vezes perdidos, parece que a classe operária decide-se a dar às idéias inspiradas por Bakunin nos últimos anos de sua vida, uma espetacular demonstração.

O que é o sindicalismo revolucionário com seu método de ação direta e seu desprezo pelo parlamentarismo burguês senão um retorno ao espírito e aos princípios da Internacional, e particularmente dessa Federação jurassiana que Bakunin

havia tão profundamente impregnado de si mesmo, e que manteve tão elevada e tão firme, nos anos que se seguiram à vitória alemã, a bandeira do socialismo operário?

Bakunin é um dos precursores do movimento atual. Seu nome não poderia ser esquecido pela nova geração militante.³

Quanto a nós, dizemos que ele foi mais que um precursor: ele foi seu criador, nos campos teórico e prático, e que, sem ele, muito provavelmente, jamais teria havido sindicalismo no sentido revolucionário. Pelo menos, os pensamentos que ele emitiu são os que presidiram à constituição e à orientação desse movimento. E sem pensamento, sem doutrina, a atividade conduz aos cimos do mesmo modo que conduz aos abismos. Quando ele teve a pretensão de desprezar as fontes primeiras e os princípios teóricos — que ele não havia fundado — sob pretexto de bastar-se a si mesmo, o sindicalismo perdeu sua alma e morreu disso. Ele não pôde encontrar um Bakunin ou um Proudhon para recriar, mesmo sob novas formas, o que, em um certo momento, constituiu essa alma.

3. *Portraits d'hier, Michel Bakounine.*

Tática de recrutamento

Em sua exposição da tática da Internacional, Bakunin parte das questões mais simples. A estratégia inteira de recrutamento e de educação social dos trabalhadores está contida em sua brochura *La Politique de l'Internationale* da qual se inspiraram visivelmente os autores da Carta de Amiens.

Pensamos que os fundadores da Internacional agiram com uma enorme sabedoria ao eliminar inicialmente do programa dessa associação todas as questões políticas ou religiosas. Sem dúvida não lhes faltaram nem opiniões políticas, nem opiniões anti-religiosas bem marcadas, mas eles abstiveram-se de emití-las nesse programa. Isso porque seu objetivo principal era antes de tudo unir as massas operárias do mundo civilizado em uma ação comum. Eles tiveram necessariamente de procurar uma base comum, uma série de princípios simples, sobre os quais todos os operários, quaisquer que sejam de início suas aberrações políticas e religiosas, por pouco que sejam operários sérios, quer dizer, homens duramente explorados e sofrendores, estão e devem estar de acordo.⁴

Novamente Bakunin vai mais longe do que aquilo que ele denomina *Programa* da Internacional. Está bem estipulado, nos estatutos desta última, que a conduta de todos os aderentes “será embasada na *Ver-*

4. *La Politique de l'Internationale*.

dade, na Justiça, na Moral sem distinção de cor nem de nacionalidade", mas não há alusão às "questões políticas", o que, acreditamos, deixa ainda mais a porta aberta a *uma* política futura. Bakunin amplia a base do recrutamento constitutivo das associações operárias.

Com esse conhecimento profundo dos homens e sua capacidade de substituir-se a eles, que lhe permitiam de se fazer compreender sem esforço pelo operário suíço ou pelo camponês iletrado da Itália, ele mostra o perigo e o erro de exigir ainda mais daqueles de quem se solicita a adesão:

Se eles tivessem arvorado a bandeira de um sistema político ou anti-religioso, longe de unir os operários da Europa, eles os teriam dividido ainda mais; porque, com a ajuda da ignorância, a propaganda interessada e no mais elevado grau corruptora dos padres, dos governos e de todos os partidos políticos, sem excetuar os mais vermelhos, disseminou uma multidão de idéias falsas nas massas operárias, e porque essas massas cegadas apaixonam-se infelizmente ainda demasiado amiúde por mentiras que não têm outro objetivo senão lhes fazer servir, voluntária e estupidamente, em detrimento de seus próprios interesses, aqueles das classes privilegiadas.⁵

Essa neutralidade no recrutamento preconizado por Bakunin é, pois, idêntico àquela que preconizará

5. *La Politique de l'Internationale.*

a Carta de Amiens, pedra angular (e um pouco limitada) do sindicalismo francês. Bakunin diz em 1869:

A Internacional, ao aceitar em seu seio um novo membro, não lhe pergunta se ele é religioso ou ateu, se ele pertence a tal ou qual partido político ou se não pertence a nenhum.

A Carta de Amiens, da qual a metade dos redatores tinha sido ou era anarquista, dirá em 1906:

A C.G.T. agrupa, fora de toda escola política, todos os trabalhadores conscientes da luta a ser conduzida para o desaparecimento do salariado e do patronato.

Ela ainda declara que

todos os trabalhadores, quaisquer que sejam suas opiniões ou suas tendências políticas ou filosóficas

têm o dever

de pertencer ao agrupamento essencial que é o sindicato.

Nela se encontram inclusive contradições, como por exemplo uma grave que é afirmar em um texto tão curto que aceita os aderentes sem distinção de opiniões, de tendências políticas ou filosóficas, para “o desaparecimento do salariado e do patronato”, isto

implicando concepções, convicções que não podem ter os trabalhadores que seguem o partido radical ou o partido clerical, sobretudo em 1906.

Conquanto os objetivos de Bakunin sejam igualmente revolucionários, há mais coerência e penetração psicológica em seu modo de apresentar os problemas. Ele não se ilude quanto à realidade ou a alguns de seus aspectos. É necessário fazer a revolução *com as massas*, não por meio unicamente das seções centrais da Internacional que se tornariam todas academias. Todavia, para tocar as massas, não é à propaganda dos princípios — mesmo concretos — materialistas e socialistas que se deve inicialmente recorrer:

Só os indivíduos, e somente um muito pequeno número de indivíduos, deixam-se determinar pela "idéia" abstrata e pura. Os milhões, as massas, não apenas no proletariado, mas igualmente em todas as classes esclarecidas e privilegiadas, nunca se deixam levar senão pela potência e pela lógica dos "fatos", não compreendendo e não considerando, na maior parte do tempo, senão seus interesses imediatos, ou suas paixões do momento, sempre mais ou menos cegas. Assim, para interessar e para envolver o proletariado na obra da Internacional, seria preciso, é preciso aproximar-se dele não com idéias gerais e abstratas, mas com a compreensão real e viva de seus males reais.⁶

6. *Protestation de l'Alliance.*

A educação pelos fatos

Ora, mesmo esses males reais, dos quais o pensador e o observador compreendem as causas gerais e discernem o conjunto, só aparecem ao operário na esfera limitada de sua própria existência, de seu trabalho. Quase sempre ele nada vê além. Cada um só compreende a causa de seu mal, mas não conhece, não pode conceber nem todos os males, nem a causa geral de todos esses males:

Para tocar o coração e para conquistar a confiança, o assentimento, a adesão, o concurso do proletariado, não instruído — e a imensa maioria do proletariado ainda está infelizmente nessa condição —, deve-se começar por lhe falar não dos males gerais do proletariado internacional por inteiro, nem das causas gerais que lhes dão origem, mas de seus males particulares, cotidianos, totalmente privados. É preciso falar-lhe de seu próprio ofício e das condições de seu trabalho, precisamente na localidade em que reside; da dureza da demasiado grande duração de seu trabalho cotidiano, da insuficiência de seu salário, da maldade de seu patrão, da carestia dos víveres e da impossibilidade que há para ele de alimentar e educar convenientemente sua família.⁷

Não se pode ser mais terra a terra, nem mais linguagem sindicalista. É sobre essa base do aumento

7. *Protestation de l'Alliance.*

dos salários, da diminuição da jornada de trabalho, da carestia dos víveres que se fez, que ainda se faz a propaganda clássica. A Carta de Amiens diz em relação a isso:

Na obra reivindicativa cotidiana, o sindicalismo busca a coordenação dos esforços operários, o aumento do bem-estar dos trabalhadores para a realização de melhorias imediatas, tais como a diminuição das horas de trabalho, o aumento dos salários etc.

É o mesmo tipo de propaganda que os doutrinários do sindicalismo recomendam, raciocinando doutrinadamente em relação à sua eficácia prática, e desprezando, sob pretexto de teorias metafísicas, o que não teve a etiqueta de sua escola. Vê-se que eles nada inventaram. Sempre refletindo melhor do que eles, Bakunin continua:

Um operário não precisa de nenhuma grande preparação intelectual para se tornar membro da seção corporativa que representa seu ofício. Ele já é membro antes de sabê-lo, naturalmente.⁸

Para Bakunin, ele é membro “em potência”, como sempre, para ele, todos os explorados são socialistas em potência. No terreno da prática, se ele sabe ou se se consegue fazer-lhe compreender que o patrão é

8. *Protestation de l'Alliance.*

seu inimigo, o assalariado sentir-se-á de início solitário com seus camaradas de oficina aos quais

ele deve ser fiel em todas as lutas que surgem na oficina contra o patrão.

E o processo desenvolve-se naturalmente. Após a união com seus camaradas, o operário deve compreender sem dificuldades a necessidade de uma união local dos operários de um mesmo ofício. Então,

a menos que ele seja excessivamente tolo, a experiência cotidiana deve logo lhe ensinar, ele se torna um membro devotado de sua seção corporativa.

Em seguida, a prática da luta em que se reivindica

seja um aumento do salário, seja uma diminuição das horas de trabalho [conduz a que, para impedir que os trabalhadores de outras localidades, de outras províncias, venham, chamados pelos patrões, sabotar as greves, criem-se federações nacionais e provinciais de uniões de ofícios. E como os patrões podem chamar os fura-greves do estrangeiro, todos esses fatos, repetindo-se] demasiado freqüente para que eles possam escapar da observação dos trabalhadores mais simples, [fazem com que] se constitua a organização não local, nem mesmo apenas nacional, mas realmente internacional do mesmo corpo de ofício.

Bakunin vai agora se servir dos dados da ciência econômica para mostrar que *os fatos* levam à associação e à solidariedade internacional dos trabalhadores de todos os ofícios. No estado geral das técnicas à época, se os operários de certas indústrias ganham mais que outras, os capitalistas dessas mesmas indústrias também ganharão menos. Eles deslocarão, então, seus capitais para as indústrias nas quais os operários são menos bem remunerados, a fim de obter maiores lucros, e os operários, até esse momento mais bem remunerados, serão forçados a ganhar menos e trabalhar mais sob pena de desaparecerem.

Daí resulta que as condições de trabalho não podem piorar nem melhorar em qualquer indústria sem que os trabalhadores de todas as indústrias sejam concernidos, e que todos os corpos de ofícios, em todos os países do mundo, sejam indissoluvelmente solidários.

O conjunto desses fatos provoca com o internacionalismo ativo e organizado, o nascimento e o desenvolvimento da "simpatia mútua, profunda e apaixonada" dos trabalhadores que compreendem que seus inimigos não são apenas os patrões que os exploram diretamente, mas todos os patrões, qualquer que seja sua indústria, o que reforça sua solidariedade e os faz nascer para a idéia e para o sentimento do mundo do trabalho oposto ao do capital. A partir do momento em que um operário chegou a essa cons-

ciência das coisas, ele se torna solidário de todos os operários, “sem diferença de indústrias nem de países”.

Eis, pois, a base da Associação Internacional dos Trabalhadores bem encontrada. Ela nos foi dada não por uma teoria emanada da cabeça de um ou de vários pensadores profundos, mas pelo desenvolvimento real dos fatos econômicos, pelas provações tão duras que esses fatos fazem as massas operárias sofrerem, e pelas reflexões, pelos pensamentos que eles fazem naturalmente surgir em seu seio.⁹

Bakunin escrevia essas linhas polemizando com Marx, e, de uma certa forma, ele empregava o marxismo mais puro contra a sua pretensão de governar a Internacional impondo de cima uma tática e uma doutrina contrárias aos postulados do socialismo científico, da luta de classes etc.

Entretanto, embora fabricando teorias para demonstrar a inutilidade das teorias, Sorel empregava o mesmo tipo de argumentos quando zombava dos “doutores em sociologia” em relação aos quais o proletariado, segundo ele, deveria adotar a mesma atitude. É também o mesmo tipo de argumentos que empregarão, com menos profundidade e visão das coisas, todos os sindicalistas.

9. *Protestation de l'Alliance.*

Valor das greves

A solidariedade dos trabalhadores fundada de início na criação de suas associações e de suas “caixas de resistência” sobre as quais Bakunin insiste em diferentes escritos, manifesta-se e desenvolve-se sobretudo por esse outro fato denominado *greve*:

A greve é o começo da guerra social do proletariado contra a burguesia, ainda nos limites da legalidade. As greves são uma via preciosa sob esse duplo aspecto: de início, eletrizam as massas, fortalecem sua energia mental, e despertam em seu seio o sentimento do antagonismo profundo que existe entre seus interesses e os da burguesia, mostrando-lhes cada vez mais o abismo que doravante os separa irrevogavelmente desta classe; em seguida, contribuem imensamente para provocar e constituir entre os trabalhadores de todos os ofícios, todas as localidades e todos os países, a consciência e o próprio fato da solidariedade: dupla ação, uma negativa, a outra positiva, que tende a constituir diretamente o novo mundo do proletariado, opondo-o de modo quase absoluto ao mundo burguês.¹⁰

Pela primeira vez, as greves encontram seu teórico que, como iremos ver, ainda tem algo a nos di-

10. Fragmento formando uma continuação de *O Império cnuto-germânico*.

zer, e não será superado por aqueles que nele inspiraram-se. Proudhon havia oposto à greve operária a organização do crédito pelo Banco do Povo, do trabalho, do consumo, mas havia fracassado. A consciência proletária não estava madura para essas realizações que exigiam idéias claras, um senso agudo das responsabilidades, uma vontade bem diferente daquela que é necessária para lutar e morrer sobre as barricadas. Bakunin encontra-se diante de um proletariado demasiado ignorante, demasiado embrutecido pela miséria e pela submissão na maioria dos países do mundo, para empreender uma construção direta do socialismo. É às necessidades, aos instintos de luta elementares que é preciso inicialmente se dirigir. Faz-se a história como é possível, faz-se avançar os povos segundo os procedimentos impostos pelas circunstâncias. A greve era a arma, o instrumento de combate por excelência, e a multiplicação das greves constituía um sintoma de despertar, de revolta, de luta pela justiça:

À medida que avançamos, as greves multiplicam-se. O que quer dizer? Que a luta entre o trabalho e o capital acentua-se cada vez mais, que a anarquia econômica torna-se a cada dia mais profunda, e que caminhamos a grandes passos rumo ao termo fatal que se encontra no final dessa anarquia: a Revolução social. É verdade, a emancipação do proletariado poderia efetuar-se sem tremores se a burguesia quisesse fazer sua noite do 4 de agosto, renunciar a seus privilé-

gios, aos direitos de vantagens do capital sobre o trabalho, mas o egoísmo e a cegueira burgueses são de tal maneira inveterados que seria preciso ser otimista, entretanto, para esperar ver a solução do problema social surgir de um entendimento comum entre os privilegiados e os deserdados; é, pois, bem mais dos próprios excessos da anarquia atual que sairá a nova ordem social.¹¹

Bakunin que, vemo-lo de novo, teria preferido evitar a luta violenta que ele preconizava mais por necessidade do que por prazer, dá à greve um valor idêntico àquele que mais tarde “descobrirão” aqueles que o leram. Sem dúvida alguns deles o teriam descoberto por si próprios, e admitimos que ninguém é absolutamente original: Bakunin, por primeiro, insistiu em relação ao espírito coletivo da descoberta. Entretanto, é útil assinalar esses fatos. Útil igualmente ressaltar que, por primeiro, ele soube ver toda a importância da greve geral.

11. Artigo “Organização e greve geral”.

A greve geral

A idéia da greve geral fora lançada pelo congresso da Internacional realizado em Bruxelas em setembro de 1868, mas se tratava apenas de lutar contra a guerra. Em *L'Égalité* de 3 de abril de 1869, Bakunin analisa todas as suas conseqüências possíveis. E, bem antes que Aristide Briand, ainda socialista revolucionário de esquerda, defendesse, em um discurso eloqüente, essa modalidade de luta que Pelloutier, inspirado por Bakunin, havia apresentado sob o nome de "greve universal" no congresso regional operário realizado em Tours, em 1892, bem antes que Sorel a elevasse à altura de um mito, fonte de energia e grandeza, Bakunin vê nela todas as potencialidades:

Quando as greves ampliam-se, comunicam-se pouco a pouco, é que elas estão bem perto de se tornar uma greve geral; e uma greve geral, com as idéias de liberação que reinam hoje no proletariado, só pode resultar em um grande cataclismo que provocaria uma mudança radical da sociedade. Ainda não estamos nesse ponto, sem dúvida, mas tudo nos leva a isso.¹²

Esse desejo de transformação social pela greve geral, sem desencadear violências comparáveis àque-

12. *A Dupla Greve de Genebra.*

las da revolução armada, é expressa ainda em um outro artigo em que Bakunin antecipa o sonho de numerosos sindicalistas do começo do século XX:

O dia em que a grande maioria dos trabalhadores da América e da Europa tiver ingressado e estiver bem organizada em seu seio (trata-se da Internacional), não haverá mais necessidade de revolução: sem violência, far-se-á justiça. E se houver, então, cabeças quebradas, é porque os burgueses desejaram.¹³

Enquanto se esperava, prelúdio indispensável à greve geral, as greves parciais constituíam um treino pela prática da solidariedade e da organização operária, e provocavam a formação da necessária unanimidade de espírito. Todavia, sua freqüência e suas conseqüências podem apresentar problemas dos quais o tático responsável não saberia esquivar-se, e aos quais ele deve inclusive responder:

Mas as greves não se sucedem tão rapidamente fazendo temer que o cataclismo chegue antes da organização suficiente do proletariado? Não o cremos, pois, antes de tudo, as greves já indicam uma certa força coletiva, um certo entendimento entre os operários. Em seguida, cada greve torna-se o ponto de partida de novos agrupamentos. As necessidades da luta levam os trabalhadores a apoiarem-se, de um país a outro, e

13. "Organização e greve geral".

de uma profissão a outra; assim, quanto mais ativa torna-se a luta, mais essa federação de proletários deve ampliar-se e reforçar-se.

É verdade que não mais encontramos em Bakunin longas considerações relativas à greve geral. Ele não podia nem queria, conhecendo demasiadamente bem a complexidade dos problemas, e o quanto intervêm os impoderáveis, pontificar sobre a questão. Seus continuadores anarquistas, discutindo com os sindicalistas, retorquiram que só a greve geral não bastaria para quebrar o Estado; que os privilegiados poderiam resistir por mais tempo que os proletários a uma paralisação dos transportes, da chegada e da distribuição de víveres nas cidades, e que, por conseqüência, a luta violenta seria inevitável. Em sua época, eles tinham razão, e Bakunin provavelmente o previra. O problema consistia para ele em diminuir o máximo possível o emprego da luta armada, reduzindo ao máximo a resistência material e o moral do adversário.

Entretanto, para o conjunto dessas tarefas, é necessária *antes de tudo*, e o máximo possível também, “a organização das forças operárias”,¹⁴ “a unificação do proletariado no mundo inteiro através das fronteiras, e sobre todas as ruínas de todas as estreitezas patrióticas e nacionais”.¹⁵

14. “Organização e greve geral”.

15. *La Politique de l'Internationale*.

Bakunin insiste sem descanso na necessidade dessa organização tão vasta quanto seja possível, na necessidade das uniões de ofícios, de suas federações nacionais e internacionais. E sempre atribui à Associação Internacional dos Trabalhadores o papel preponderante; esforça-se para dar-lhe consciência de si mesma, confiança em si, despertar sua audácia, estimular sua organização, sua preparação prática. Ele mostra como a organização natural e a luta, igualmente natural dos trabalhadores, não tiveram apenas por resultado o desenvolvimento de sua associação e de sua solidariedade: a prática da luta social educa-os, fazendo-os esquecer a busca ou a consolação de um apoio supraterrrestre, pois, a partir do momento em que um operário,

associado a seus camaradas, começa a lutar seriamente pela diminuição de suas horas de trabalho e pelo aumento de seu salário, a partir do momento que ele começa a interessar-se vivamente por essa luta totalmente material, pode-se estar certo de que ele logo abandonará todas as suas preocupações celestes, e que, habituando-se a contar sempre mais com a força coletiva dos trabalhadores, ele renunciará voluntariamente ao socorro do céu. O socialismo assume em seu espírito o lugar da religião.¹⁶

16. *La Politique de l'Internationale.*

A experiência mostrou, com efeito, que é sobretudo nos centros industriais onde os sindicatos desenvolveram-se mais, que as massas perderam mais rápido a fé religiosa. Mas elas a perderam sobretudo desde este primeiro período da luta de classes em que se fazia apelo à coragem individual e à solidariedade coletiva. À medida que o espírito de autoridade cresceu no socialismo e ganhou o movimento operário, podemos constatar um retorno à religião, ou, ao menos, à submissão religiosa, pois o espírito de obediência, o abandono da consciência ativa, da vontade pessoal, predispõem tanto à aceitação da autoridade dos chefes de partido ou de Estado quanto àquela dos chefes da Igreja ou dos representantes de Deus.

Essa luta direta entre o proletariado e o patronato e seus defensores deve ampliar bem mais ainda a educação social do trabalhador, fazendo-o

conhecer cada vez mais, de uma maneira prática e por uma experiência coletiva que é necessariamente sempre mais instrutiva e mais ampla que a experiência isolada, seus verdadeiros inimigos, que são as classes privilegiadas, a saber: o clero, a burguesia, a nobreza e o Estado; este último, estando aí apenas para salvaguardar os privilégios dessas classes, e tomando sempre e necessariamente partido contra o proletariado.

O operário assim engajado na luta acabará forçosamente por compreender o antagonismo irreconciliável que existe entre esses serviços da reação e seus interesses humanos mais caros, e

tendo chegado a este ponto, não deixará de reconhecer-se e posicionar-se claramente como um socialista revolucionário.¹⁷

Esse processo educacional, que oferece um certo paralelismo com a evolução que vai da organização da oficina à Federação internacional pelo desenvolvimento natural das coisas foi, ele também, retomado pelos sindicalistas. Infelizmente, e malgrado os esforços de Pelloutier, isso nunca foi bem longe. Sob pretexto da primazia da ação desprezou-se a cultura, a indispensável formação intelectual especializada. Vemos agora os resultados.

17. *La Politique de l'Internationale.*

A consciência operária

Novas razões logo levarão Bakunin a defender esse programa esquemático feito de lógica aparente e de aparente facilidade. *La Politique de l'Internationale* foi escrita em 1869, sem que na Federação do Jura, que foi o berço europeu do socialismo federalista e libertário, ou alhures, se pudesse então prever que logo seria preciso defender-se contra as maquinações daqueles que quisessem impor sua ditadura.

Todavia, em 1871, Utin, acólito de Karl Marx, foi enviado a Genebra pelo Conselho Geral de Londres para ali combater a influência da Aliança da Democracia Socialista, e, particularmente, para arruinar a de Bakunin.¹⁸ A ameaça política e o monolitismo centralizador desenhava-se. Bakunin, que sabia o que acontecia em relação ao autoritarismo dos marxistas alemães, cuja influência ampliava-se cada dia mais; que observava seu desvio parlamentarista; que, no congresso de Basiléia tinha-se oposto à tentativa de Liebknecht de envolver a Internacional na

18. Eis o que Bernstein, no momento em que era o maior teórico e o representante mais em voga da social-democracia alemã, que ainda não se tinha desviado da linha marxista-engelsiana, escrevia respeitante a Utin:

“Um pequeno grupo de russos apenas se encontrava em torno de Marx, em 1870 e nos anos seguintes. Entre eles estava Utin, o que não contribuiu para sua boa reputação. Não se via, geralmente, em Utin senão um instrumento tortuoso e fofoqueiro, e inúmeras pessoas não estavam longe de julgar o mestre segundo o aluno.”

conquista dos poderes públicos pela tática eleitoral, compreendia o perigo dessa campanha conduzida na Suíça, na Itália, na Espanha e na França por homens especialmente enviados para combater aqueles que deveriam ser seus irmãos internacionais.

Erguiam-se, opunham-se, organizavam-se seções contra seções, infiltravam agentes em outras — já naquele momento! —, intrigavam, atacavam homens em suas intenções verdadeiras ou supostas, em suas atividades, em sua honra. A Aliança, composta de militantes internacionais, “apaixonadamente socialistas revolucionários”, que lutavam no seio do proletariado e o organizavam em vários países, mas que exigiam a prática do federalismo pela liberdade de tática das seções e reconheciam aos socialistas alemães o direito de ir ao Parlamento se tal fosse sua vontade — foi naturalmente atacada sem piedade. Utin manobrou e fez com que expulsassem, de surpresa e em sua ausência, Bakunin, Guillaume, Jukovsky e Sutherland da seção internacional de Genebra.

Foi contra o conjunto dessas maquinações que Bakunin escreveu *La Protestation de l'Alliance*, da qual só restou uma parte. Mais do que a defesa da própria Aliança, é a defesa da pureza da Internacional, da manutenção na reta linha da organização proletária conduzida pelos trabalhadores no terreno exclusivo da luta de classes, por intermédio das uniões de ofícios para que “a emancipação dos trabalhadores” — a única coisa que preocupa Bakunin —, seja “a obra dos próprios trabalhadores”.

Nessa luta contra os desvios centralizadores e políticos, ele repete com mais profundidade e força o esquema traçado em *La Politique de l'Internationale*. Entretanto, assim como em outros escritos, insiste na segunda fase da organização prática dos trabalhadores: o despertar neles — e a necessidade — do sentimento e do senso da responsabilidade:

Ao operário que, para ter participação nas vantagens dessa solidariedade, entra em uma seção, só lhe pedem uma coisa: quer, com os benefícios da associação, aceitar em contrapartida todas as conseqüências penosas, às vezes, e todos os deveres?

Compreendeu que a consciência operária não se forma por si mesma, não se desencadeia fatalmente, e que também é preciso suscitá-la. Fernand Pelloutier escrevia em 1900 que sobre dez operários sindicalizados, havia um militante e nove egoístas. Bakunin tinha, talvez, no início, idealizado as massas exploradas às quais ele se apresentara, mas logo percebeu em que medida se lhes deveria dizer que a prática da solidariedade não consistia apenas em tomar, mas também em dar, caso contrário, seria apenas uma palavra. O operário que adere a uma seção de ofício deve, pois, rapidamente

compreender, enfim, que, porquanto o objetivo único da Internacional é a conquista de todos os direitos humanos para os trabalhadores, por in-

termédio da organização de sua solidariedade militante através de todos os ofícios e de todas as fronteiras políticas e nacionais de todos os países; a *lei suprema e, por assim dizer, única* que cada um se impõe, ao ingressar nessa salutar e formidável Associação, é submeter-se e submeter, doravante, todos os seus atos voluntariamente, apaixonadamente, em pleno conhecimento de causa e em seu interesse tanto quanto no interesse de seus irmãos de todos os países, a todas as condições, conseqüências e exigências dessa solidariedade.¹⁹

Assim, não apenas sentimento de responsabilidade pessoal, mas, de par com essa responsabilidade, disciplina voluntária e efetiva, estreita coesão, espírito de sacrifício, conseqüência assim como condição para futuras vitórias proletárias. Sem elas, não há futuro possível, nem para a Internacional, nem para o povo. O desenvolvimento da força moral é e deve ser o fruto da solidariedade na luta travada no terreno econômico; mas ele também deve ser consciente e voluntariamente perseguido. O automatismo inicial deve fazer nascer essa *vontade refletida*.

19. *Protestation de l'Alliance.*

Cultura humanista das massas

Se ele tivesse acreditado que a educação do proletariado devia ser a consequência indiscutível da luta de classes, não teria se esforçado, com tanto ardor, para elaborar e disseminar idéias, concepções, princípios. Ele não teria dito aos operários da Vale de Saint-Imier que os trabalhadores deveriam

estabelecer antes em seu grupos, e, em seguida, entre todos os grupos uma verdadeira solidariedade fraternal, não só em palavras, mas em ação, não apenas nos dias de festa, de discurso ou de libação, mas em sua vida cotidiana,

nem ao final da mesma conferência:

preparemo-nos, pois, purifiquemo-nos, tornemo-nos mais reais, menos discursivos, menos ruidosos, menos fraseadores, menos beberrões, menos festeiros. Cerremos fileiras e preparemo-nos dignamente para essa luta que deve salvar todos os povos e enfim emancipar a humanidade.

Até mesmo a luta contra o patronato requer qualidades morais e uma vontade real. A educação deve, portanto, ser sistematicamente buscada no seio das uniões de ofícios. A associação deve servir aos trabalhadores para defender e melhorar suas condições de existência material, ao mesmo tempo que para facilitar sua instrução:

Mas como chegar, no abismo de ignorância, de miséria e de escravidão no qual os proletários das cidades e dos campos estão mergulhados, nesse paraíso, nessa realização da justiça e da humanidade sobre a terra? Para isso, os trabalhadores só têm um meio: a associação. Pela associação eles instruem-se, informam-se mutuamente, e põem fim, por seus próprios esforços, a essa fatal ignorância que é uma das principais causas de sua escravidão.²⁰

Não se trata de associar-se só para melhorar suas condições materiais de existência, mas também para *instruir-se*, para *informar-se*. A questão do pão não deve fazer esquecer a elevação do espírito.

Bakunin escrevera essas palavras quando duas importantes greves pareciam que iam provocar um terrível abalo social na cidade de Genebra. E, como disso só podia resultar um fracasso total, foi obrigado, ele, que nos é apresentado como uma fera à espreita de toda ação sanguinária, a acalmar um pouco, falando de associação e de educação, o ardor dos grevistas que ameaçava desembocar em um sacrifício inútil.

Para que possa surgir um mundo “social, intelectual e moral novo [é necessário que esse mundo seja ao menos em parte constituído antes da revolução]. “São necessárias aos trabalhadores a solidariedade e a ciência — saber é poder”. Eles não poderão se eles não sabem. A vontade ignorante não pode

20. *A Dupla Greve de Genebra*.

conduzir à vitória. O programa da Internacional implica a aquisição prévia e tão rápida quanto seja possível de uma cultura,

uma nova ciência, uma nova filosofia social que deve substituir todas as antigas religiões, e uma política bem nova, a política internacional, e que, como tal, nós nos apressamos para dizê-lo, não pode ter outro objetivo senão a destruição de todos os Estados.

[...] Para que os membros da Internacional possam desempenhar de maneira consciente seu duplo dever de propagandistas e de chefes naturais das massas na Revolução, é preciso que cada um deles esteja penetrado tanto quanto possível dessa ciência, dessa filosofia e dessa política. Não lhes basta saber e dizer que querem a emancipação econômica dos trabalhadores, a fruição integral de seu produto para cada um, a abolição das classes e da sujeição política, a realidade da plenitude dos direitos humanos, a equivalência perfeita dos deveres e dos direitos — a realização da humana fraternidade, em resumo. Tudo isso é sem dúvida muito belo e muito justo, mas se os operários da Internacional detêm-se nestas grandes verdades sem aprofundar as condições, as conseqüências e o espírito delas, e se eles se contentam em repeti-las sempre nessa forma geral, correm o risco de logo fazer delas palavras ocas e estéreis, lugares-comuns incompreendidos.²¹

21. *Protestation de l'Alliance.*

Tudo é condicionado por tudo. Se *a aspiração ao bem-estar e a mais liberdade* (Bakunin resume vinte vezes nesta curta fórmula que se tornará a divisa da C.G.T. francesa) é justa em si, é necessário, para realizá-la, algo a mais que a luta de classes elementar e que a organização sistemática, metódica, por mais perfeita que seja, do proletariado no plano da economia. Não se pode separar o homem do produtor e do consumidor, e as coletividades que tencionassem fazê-lo soçobriariam. Não se pode permanecer à margem dos fatos complexos que freqüentemente determinam os acontecimentos sociais; ignorar os fatores políticos e psicológicos que intervêm nas relações humanas e na evolução de sociedades; desconhecer as técnicas filhas da ciência; desprezar a cultura que desenvolve a inteligência e permite abraçar as vastas atividades e o conjunto da vida social cuja organização exige, para ser devidamente coordenada; e ao menos na medida em que isso dependa da previdência e da atividade dos trabalhadores, um pouco mais que a instrução inicial. Respondendo às simplificações marxistas, Bakunin aprofunda a análise desses problemas:

Abstraindo todo o desenvolvimento que ocorre no mundo do pensamento, tanto quanto nos acontecimentos que acompanham e que seguem a luta política, tanto interior quanto exterior dos Estados, a Internacional não se ocuparia mais do que da questão econômica? Ela faria estatística comparada, estudaria as leis da produção e da

distribuição das riquezas, ocupar-se-ia exclusivamente da questão dos salários, formaria fundos de resistência, organizaria greves locais, nacionais e internacionais, internacionalmente corpos de ofícios, e formaria sociedades cooperativas de crédito mútuo, de consumo e de produção, nos momentos e nas localidades onde semelhantes criações seriam possíveis?

Mas tal abstração, apressemo-nos em dizê-lo, é absolutamente impossível. Essa preocupação exclusiva com os interesses somente econômicos, seria para o proletariado a morte. Sem dúvida, a defesa e a organização desses interesses — questão de vida ou de morte para ele — devem constituir a base de toda a sua organização atual. Mas lhe é impossível deter-se aí sem renunciar à humanidade, e sem privar-se até mesmo da força intelectual e moral necessária à conquista de seus direitos econômicos.²²

Constatemos inicialmente que, por mais insuficiente que esse programa tenha se mostrado a Bakunin, seus adversários reformistas e marxistas jamais se elevaram até ele. E que, inclusive, na seqüência, o movimento sindicalista revolucionário nunca o alcançou. Em todo caso, ninguém disse mais clara e corajosamente aos trabalhadores a verdade relativa às condições de sua emancipação, nem se esforçou para dar a cada um o sentido do esforço e da cora-

22. Fragmento formando uma continuação de *O Império cnuuto-germânico*.

gem moral necessária para alcançá-la. Aquele que nos apresentam como o apologista das más paixões foi o menos demagogo dos revolucionários. E, completando essas recomendações, essas diretrizes, justificando-as, mostrando todas as repercussões práticas para um futuro socialista, no futuro imediato da própria Internacional e no âmago de todos os movimentos operários, de todas as organizações proletárias, Bakunin acrescentava essa advertência que, infelizmente, foi bem pouco ouvida:

A Associação Internacional só poderá se tornar um instrumento de emancipação para a humanidade quando, de início, ela própria for emancipada, e ela só o será quando, cessando de estar dividida em dois grupos, a maioria dos instrumentos cegos, e a minoria dos doutos condutores, ela tiver feito penetrar na consciência refletida de cada um de seus membros a ciência, a filosofia e a política do socialismo.²³

Esta afirmação (que também não era absoluta), diante do surgimento do perigo centralizador e autoritário marxista, retifica em parte a primeira que parecia fazer surgir automaticamente da luta econômica todos os valores intelectuais e morais. A síntese — pois se deve sempre acabar por fazê-la nas idéias diferentes, aparentemente contraditórias em muitos

23. Fragmento formando uma continuação de *O Império cnuotogermânico*.

casos, que Bakunin expressa em relação a tantos problemas — a síntese é que os trabalhadores deverão, em e por suas organizações constituídas, partindo de suas preocupações materiais e de suas aspirações à igualdade econômica, adquirir a capacidade intelectual e a formação humana que lhes são indispensáveis.

Criação prática

Homem de ação antes de tudo, Bakunin não se contentou em dar diretrizes, elaborar teorias. Ele exibiu uma atividade pessoal e direta pela criação e pela extensão do movimento operários revolucionário. E, pelo canal da Aliança, essa atividade desenvolveu-se na Suíça, na França, na Itália, na Espanha. Pela freqüentação dos indivíduos, sua participação nas assembléias de trabalhadores, sua luta contra os desvios que sugeriam democratas honestos, mas tendendo a conduzir o proletariado à via do reformismo; por suas conferências, suas numerosas cartas, amiúde tão longas quanto brochuras, a seus amigos distantes, ele criou, construiu, ajudou e incitou a construir.

Em 1869, Fanelli, deputado italiano independente de esquerda, foi, enviado pela Aliança, criar na Espanha os primeiros núcleos do socialismo militante e federalista. No ano seguinte, realiza-se em Barcelona o primeiro congresso dos trabalhadores espanhóis internacionalistas. A seção espanhola da Internacional é antes de tudo obra da seção barcelonesa da Aliança, cujo artigo primeiro dos estatutos declara:

A Aliança da democracia socialista será constituída por membros da Associação Internacional dos Trabalhadores e terá por objetivo a propaganda e o desenvolvimento dos princípios de seu programa, o estudo e a prática de todos os meios

próprios para realizar a emancipação direta e imediata da classe operária.

Cinco anos mais tarde, a Federação espanhola havia construído federações nacionais de ofícios que, completadas por “federações locais” intersindicais, formavam uma rede completa de organismos de luta e o embrião da nova sociedade.

Foi, talvez, na Itália, que a obra criadora de Bakunin foi então a mais característica. Deixou ali amigos convictos, em sua maioria jovens intelectuais emanados da burguesia, saídos das fileiras do garibaldismo e da Legião sagrada de Mazzini. Era o resultado de quatro anos de trabalho subterrâneo (1863-1867) durante os quais ele deu provas de paciência, habilidade, tenacidade. E foi por esses amigos que, após sua polêmica ruidosa com Mazzini em relação à Comuna, ele fez surgir um movimento independente dos partidos políticos e da Igreja, livre de amarras conservadoras tradicionais, socialista e libertário.

Em junho de 1872, conta-se na Itália uma centena de “Camare di Lavoro” locais agrupando trabalhadores de todas as profissões. Em março do ano seguinte haverá cento e cinquenta dessas câmaras, representadas no congresso de Bolonha, e nas cidades mais importantes por sua população e sua indústria, em Milão, Veneza, Gênova, Ferrara, Siena, Roma, Livorno, Ancona, Palermo, Bolonha, Mântua, Ravena, Turim, Verona, Nápoles etc., a Internacio-

nal deitou raízes na Itália. Surgem jornais. O mazzinismo, enraizado por quarenta anos de apostolado republicano-católico e estatista democrata é estremeado, suplantado; as forças de seu velho chefe declinam, e o próprio Garibaldi, aderindo à Internacional e defendendo-a perante os tribunais, completa a vitória.

Mazzini tenta em vão criar um movimento operário. Os membros da Aliança ganham a batalha e fundam, com os "fascio operaio" (a palavra "fascio" será retomada mais tarde por Mussolini), a seção da Internacional.

Um amigo de Engels denominado Régis, escreve-lhe em 13 de maio de 1872:

As notícias da Itália são pouco numerosas e tristes. Sabeis em que deplorável situação encontra-se a região da Emilia Romagna, e que influência tem agora o *Fascio operaio* de Bolonha, completamente ganho à causa dos jurassianos.²⁴ Incríveis são a atividade e a energia exibidas pelos dissidentes, e sua obra não deixa de dar frutos.

E, em 4 de janeiro, Engels escrevia aos poucos partidários que ele ainda tinha em Lodi:

Se perdermos Lodi e *La Plèbe*, não teremos nem sequer um única referência na Itália. Dizeis bem isso!

24. Tratava-se dos membros da Federação do Jura.

Esse sucesso é antes de tudo o resultado do esforço encarniçado e da orientação precisa dada durante anos por Bakunin.

Essa propaganda desenvolvia-se principalmente sob a influência direta de Bakunin, que, da Suíça, esforçava-se para manter relações muito ativas,

escreve N. Rosselli.²⁵ Ela tende principalmente à organização dos trabalhadores pela defesa de seus interesses corporativos e para, por meio da luta travada, educá-los socialmente e preparar os quadros da nova sociedade.

25. N. Rosselli, *Mazzini i Bakunine*.

O Congresso de Saint-Imier

Tal foi a tática bakuniniana da luta social desde a sua adesão à Primeira Internacional. Confirmou-a de uma maneira que ele se esforçou para tornar definitiva, no Congresso de Saint-Imier, realizado em setembro de 1872.

Nesse congresso, reuniram-se os delegados de três das quatro únicas federações nacionais existentes na Internacional: federação jurassiana, federação italiana e federação espanhola, e os delegados de várias seções francesas e americanas. A resolução mais célebre que ali se votou, e da qual os partidários de Bakunin foram os que mais recordaram, tinha por tema: *Natureza da ação política do proletariado*. O parágrafo dessa resolução mais bem gravado em suas lembranças afirma “que a destruição de todo poder político é o primeiro dever do proletariado”.

Ela era, contudo, precedida de considerandos mais construtivos, demasiadamente negligenciados e nos quais se proclamava:

que as aspirações do proletariado não podem ter outro objeto senão o estabelecimento de uma organização e uma federação econômicas absolutamente livres, fundadas no trabalho e na igualdade de todos e absolutamente independentes de todo governo político, e que essa organização e essa federação só podem ser o resultado da ação espontânea do próprio proletariado, dos corpos de ofícios e das comunas autônomas.

Pode-se afirmar que Bakunin não foi o autor dessa resolução, ou, pelo menos, dos considerandos que já marcam a atenuação de seu pensamento por aqueles que reivindicavam suas idéias. No entanto, em contrapartida, também se pode afirmar que ele é o único autor, ou quase, da quarta resolução, resumindo a orientação construtiva das organizações operárias em um espírito que já se pôde constatar pelas numerosas citações que precedem.

Após ter denunciado o perigo de todo Estado, e da organização das massas populares “de cima para baixo”, a resolução intitulada *Organização da resistência operária – Estatísticas*, declara:

Segundo nossa avaliação, o operário jamais poderá emancipar-se da opressão secular se ele não substitui esse corpo absorvente, desmoralizador, pela livre federação de todos os grupos de produtores, fundada na solidariedade e na igualdade.

Com efeito, já em vários lugares, tentou-se organizar o trabalho para melhorar a condição do proletariado, mas a mínima melhoria foi absorvida pela classe privilegiada, que tenta continuamente, sem freio e sem limite, explorar a classe operária.

Esse parágrafo inspira-se provavelmente na famosa “lei de bronze dos salários”, proclamada por Ferdinand Lassalle para provar que no regime capitalista a melhoria das condições de existência da classe

operária é impossível. Todavia, Lassalle disse concluía, como concluíram, depois, os políticos marxistas, que a luta dos trabalhadores deveria ser, antes de tudo, conduzida no terreno político e parlamentar, a luta de caráter econômico tornando-se, assim, secundária.

Enquanto Bakunin disse deduzia que a luta pelas reivindicações imediatas só tinha valor real na medida em que ela servia para preparar a transformação total da sociedade, pelos trabalhadores e pelas organizações. Por isso a resolução continuava:

Entretanto, a vantagem dessa organização é tal que, mesmo no estado atual das coisas, não se poderia renunciar a ela. Ela faz fraternizar cada vez mais o proletariado na comunidade dos interesses, ela o exercita para a vida coletiva, ela o prepara para a luta suprema. Bem mais, a organização livre e espontânea sendo aquela que deve substituir-se à organização privilegiada e autoritária do Estado político será, uma vez estabelecida, a garantia permanente da manutenção do organismo econômico contra o organismo político.

Por consequência, deixando à prática da revolução social os detalhes da organização positiva, entendemos organizar e solidarizar a resistência em uma ampla escala. A greve é, para nós, um meio precioso de luta, mas não nos fazemos nenhuma ilusão quanto aos seus resultados econômicos. Nós a aceitamos como um produto do antagonismo entre trabalho e capital, tendo necessariamente por consequência tornar os operários cada vez mais conscientes do abismo que

existe entre a burguesia e o proletariado, fortalecer o organismo dos trabalhadores e preparar, pelo fato de simples lutas econômicas, o proletariado para a grande luta revolucionária e definitiva que, destruindo todo privilégio e toda distinção de classe, dará ao operário o direito de fruir do produto integral de seu trabalho, e, por isso, os meios de desenvolver na coletividade toda a sua força intelectual, material e moral.

Tudo isso, que é, segundo o que já dissemos, do mais puro Bakunin, nada acrescenta ao que ele tantas vezes expôs. Mas, de novo, constatamos o quanto insistiu para que a luta de classes não fosse reduzida a uma simples questão de melhorias materiais no âmbito do capitalismo, conquanto ninguém tenha sofrido mais com o espetáculo da miséria dos deserdados, miséria que ele próprio viveu nos últimos anos de sua vida.

Ele não se limita apenas a designar ao movimento operário fins cuja realização possa estar distante. Também sabe que é preciso aliar a boa organização da luta imediata à preparação do futuro. O que ele faz, a propósito do segundo ponto da resolução:

A Comissão propõe ao Congresso nomear uma comissão que deverá apresentar no próximo congresso um projeto de organização universal da resistência, e dos quadros completos da estatística do trabalho dos quais essa luta retirará seu conhecimento. Ela recomenda a organização espanhola como a melhor até este dia.

Última recomendação

Um ano depois, Bakunin, esgotado, retirava-se da Internacional na qual ele não queria permanecer como simples figura decorativa. Na carta de demissão que dirigia a seus camaradas, continuava a marcar a orientação do futuro:

O tempo já não é mais para as idéias, mas para os fatos e os atos. O que importa antes de tudo, hoje, é a organização das forças do proletariado. Mas essa organização deve ser a obra do próprio proletariado. Se eu fosse jovem, transportar-me-ia ao meio operário, e, partilhando a vida laboriosa de meus irmãos, eu participaria igualmente com eles desse grande trabalho dessa organização necessária.

Os dois últimos parágrafos desta carta recomendavam em um tom em que transpira súplica:

1ª) Conservai-vos firmes nesse princípio da grande e ampla liberdade popular sem a qual a igualdade e a solidariedade só seriam mentiras;

2ª) Organizai cada vez mais a solidariedade internacional, prática, militante, dos trabalhadores de todos os ofícios e de todos os países, e lembrai-vos de que, infinitamente fracos como indivíduos, localidades ou países isolados, encontrareis uma força imensa, irresistível, nessa universal solidariedade.

Tal foi o testamento de Bakunin. Ele assemelha-se um pouco às declarações póstumas de Kropotkin louvando o movimento sindical dos trabalhadores do Ocidente: “Se eu pudesse retornar ao Ocidente, e se minha saúde mo permitisse, eu me entregaria com todas as minhas forças a esse trabalho.” Bakunin consagrou-se a ele a tempo, embora se lamentasse por não ter feito mais — e perguntamos o que ele poderia ter feito a mais — em cinco anos!

Excetuando a Espanha, quase todos os seus continuadores ignoraram suas recomendações. O resultado é visível. O anarquismo militante pôs-se à margem da vida prática, dos problemas positivos da vida social. Reduzido unicamente às negações, acabou por perder seu conteúdo socialista e sua influência é, quase em toda a parte, quase inexistente.

Quanto ao sindicalismo, ele foi grande no período em que, conscientemente ou não, foi bakuniniano. Quando, abstendo-se orgulhosamente de todo contato com os governos, em luta aberta contra o capitalismo e o Estado, ele cumpria a sua missão social de renovação individual e coletiva. Ele, em seguida, e em parte por sua fraqueza doutrinal, “bastando-se a si mesmo”, renunciou a seguir o caminho que conduzia ao autêntico socialismo e à verdadeira liberdade. Se ele deve renascer, é preciso que se inspire nos teóricos da época heróica, mas ele fará muito bem de remontar à fonte original. Lá encontrará as concepções sociais que lhe faltavam, no plano teóri-

co, moral e técnico, e os elementos necessários de uma ressurreição e de uma obra das quais o futuro da humanidade depende muito.

A DUPLA GREVE DE GENEBRA
1869

Mikhail Bakunin

A DUPLA GREVE DE GENEBRA

1869

Mikhail Bakunin

Os burgueses provocam-nos. Esforçam-se para nos levar ao desespero por todos os meios, pensando, não sem muita razão, que seria muito bom para seus interesses forçar-nos a travar batalha com eles hoje.

Caluniam-nos e insultam-nos em seus jornais; desnaturam, travestem e inventam fatos, contando com as simpatias de seu público, que os perdoará tudo, desde que os burgueses, os patrões sejam inocentados e os trabalhadores caluniados. Seguros dessa impunidade e dessa simpatia, o *Journal de Genève* sobretudo, o devoto mentiroso, supera-se em mentiras.

Eles não se contentam em provocar-nos e insultar-nos por meio de seus escritos; impacientes para fazerem-nos perder a paciência, recorrem às vias de fato. Seus tristes filhos, essa juventude dourada cujo ócio corrompido e vergonhoso detesta o trabalho e os trabalhadores; esses acadêmicos, doutos em teo-

logia e ignorantes da ciência, esses liberais da rica burguesia, vão às ruas, como no ano passado, e amontoam-se nos cafés, armados de revólveres mal dissimulados em seus bolsos. Dir-se-ia que eles temem um ataque por parte dos operários e que se crêem forçados a afastá-los.

Eles crêem seriamente nisso? Não, absolutamente não, mas simulam crer para ter o pretexto de armarse e um motivo plausível para atacar. Sim, para atacar-nos, pois, na terça-feira passada, ousaram espancar alguns de nossos companheiros que, provocados por todos os insultos, responderam por verdades bastante desagradáveis, sem dúvida, para ouvidos tão delicados quanto os deles, mas que nem sequer encostaram as mãos neles. Permitiram-se detê-los e maltratá-los durante algumas horas, até que uma comissão enviada pela Associação Internacional à Prefeitura foi buscá-los.

O que pensam esses burgueses? Querem realmente forçar-nos a ir para as ruas de armas em punho? Sim, eles o querem. E por que o desejam? A razão é bem simples: desejam matar a Internacional.

Basta ler os jornais burgueses, isto é, quase todos os jornais de todos os países, para persuadir-se de que, se há, hoje, uma coisa que, mais do que qualquer outra, é um objeto de temor e horror para a burguesia na Europa, é a Associação Internacional dos Trabalhadores. E, como devemos ser justos, antes de tudo, justos inclusive em relação aos nossos adversários mais encarniçados, devemos reconhecer

que a burguesia tem mil vezes razão para abominar e temer essa formidável associação.

Toda a prosperidade burguesa, sabemos-lo, enquanto prosperidade exclusiva, está fundada sobre a miséria e sobre o trabalho forçado do povo, forçado não pela lei, mas pela fome. Essa escravidão do trabalho denomina-se, é verdade, nos jornais liberais tais como o *Journal de Genève*, a liberdade do trabalho. Mas essa estranha liberdade é comparável àquela de um homem desarmado e nu, que se o entregaria à mercê de um outro armado dos pés à cabeça. É a liberdade de se fazer esmagar, abater. — Tal é a liberdade burguesa. Compreende-se que os burgueses a adorem e que os trabalhadores não a suportem absolutamente; pois essa liberdade é para os burgueses a riqueza, e para os trabalhadores a miséria.

Os trabalhadores estão cansados de ser escravos. Não menos que os burgueses, mais que os burgueses, eles amam a liberdade, porque compreendem muito bem, sabem por uma dolorosa experiência que sem liberdade não pode haver para o homem dignidade nem prosperidade. Mas não compreendem a liberdade senão na igualdade; porque a liberdade na desigualdade é o privilégio, quer dizer, a fruição de alguns fundada no sofrimento de todos. — Eles querem a igualdade política e econômica simultaneamente, porque a igualdade política sem a igualdade econômica é uma ficção, uma enganação, uma mentira, e eles não querem mais mentiras. — Os trabalhadores tendem, então, necessariamente, a uma

transformação radical da sociedade que deve ter por resultado a abolição das classes do ponto de vista econômico tanto quanto político, e a uma organização na qual todos os homens nascerão, desenvolver-se-ão, instruir-se-ão, trabalharão e fruirão dos bens da vida em condições iguais para todos. — Tal é o desejo da justiça, tal é, também, o objetivo final da Associação Internacional dos Trabalhadores.

Mas como ir do abismo de ignorância, de miséria e de escravidão na qual os proletários dos campos e das cidades estão hoje mergulhados, a esse paraíso, a essa realização da justiça e da humanidade sobre a terra? — Para isso, os trabalhadores só têm um meio: a associação. Pela associação, eles instruem-se, informam-se mutuamente, e põem fim, por seus próprios esforços, a essa fatal ignorância que é uma das principais causas de sua escravidão. Pela associação, eles aprendem a ajudar-se, conhecer-se, apoiar-se um no outro, e acabarão por criar uma força mais formidável do que aquela de todos os capitais burgueses e de todos os poderes políticos reunidos.

A Associação tornou-se, pois, a palavra de ordem dos trabalhadores de todas as indústrias e de todos os países nesses vinte últimos anos sobretudo, e toda a Europa encontrou-se munida, como que por encantamento, de uma multidão de sociedades operárias de todos os tipos. É incontestavelmente o fato mais importante e ao mesmo tempo mais consolador de nossa época, — o sinal infalível da emancipação

próxima e completa do trabalho e dos trabalhadores na Europa.

Mas a experiência desses mesmos vinte anos provou que as associações isoladas eram aproximadamente tão impotentes quanto os trabalhadores isolados, e que mesmo a federação de todas as associações operárias de um único país não bastaria para criar uma força capaz de lutar contra a coalizão internacional de todos os capitais exploradores do trabalho na Europa; a ciência econômica demonstrou, por outro lado, que a questão da emancipação do trabalho não é absolutamente uma questão nacional; que nenhum país, por mais rico, por mais poderoso e por mais importante que ele seja, não pode, sem arruinar-se e sem condenar todos os seus habitantes à miséria, empreender qualquer transformação radical das relações do capital e do trabalho, se essa transformação não se faz igualmente, e ao mesmo tempo, ao menos em uma grande parte dos países mais industriais da Europa, e que, por consequência, a questão da libertação dos trabalhadores do jugo do capital e de seus representantes, os burgueses, é uma questão eminentemente internacional. Disso resulta que a solução só é possível no terreno da internacionalidade.

Operários inteligentes, alemães, ingleses, belgas, franceses e suíços, fundadores de nossa bela instituição, compreenderam-no. Eles também compreenderam que, para realizar essa magnífica obra da emancipação internacional do trabalho, os traba-

lhadores da Europa, explorados pelos burgueses e esmagados pelos Estados, só deviam contar com eles próprios. Assim foi criada a grande Associação Internacional dos Trabalhadores.

Sim, grande e formidável, verdadeiramente! Ela tem apenas quatro anos e meio de existência e já abrange várias centenas de milhares de aderentes disseminados e estreitamente aliados, em quase todos os países da Europa e também da América. Um pensamento e uma empresa que produzem em tão pouco tempo tais frutos, só pode ser um pensamento salutar, uma empresa legítima.

Trata-se de um pensamento secreto, de uma conspiração? De forma alguma. Se a Internacional conspira, ela o faz às claras e o diz a quem quiser ouvi-la. E o que ela diz, o que pede? A justiça, nada além da mais estrita justiça e o direito da humanidade, e a obrigação do trabalho para todos. Se, à sociedade burguesa atual esse pensamento parece subversivo e abjeto, tanto pior para essa sociedade.

Trata-se de uma empresa revolucionária? Sim e não. Ela é revolucionária no sentido que quer substituir uma sociedade fundada na iniquidade, na exploração da imensa maioria dos homens por uma minoria opressiva, no privilégio, no ócio, e em uma autoridade protetora de todas essas belas coisas, por uma sociedade fundada nessa justiça igual para todos e na liberdade de todos. Ela quer, em resumo, uma organização econômica, política e social, na qual todo ser humano, sem prejuízo para suas particula-

ridades naturais e individuais, encontra uma igual possibilidade de desenvolver-se, instruir-se, pensar, trabalhar, agir e desfrutar a vida como homem. Sim, ela quer isso, e, uma vez mais, se o que ela quer é incompatível com a atual organização da sociedade, tanto pior para essa sociedade.

A Associação Internacional é revolucionária no sentido das barricadas e de uma derrubada violenta da ordem política atualmente existente na Europa? Não: ela ocupa-se muito pouco dessa política, e, inclusive, não se ocupa absolutamente disso. Assim, os revolucionários burgueses querem-lhe muito mal pela indiferença que ela testemunha em relação às suas aspirações e a todos os seus projetos. Se a Internacional não tivesse compreendido desde há muito que toda política burguesa, por mais vermelha e revolucionária que pareça, tende não à emancipação dos trabalhadores, mas à consolidação de sua escravidão, o papel lamentável desempenhado neste momento pelos republicanos e, inclusive, pelos socialistas burgueses na Espanha, bastaria para abrir-lhe os olhos.

A Associação Internacional dos Trabalhadores, fazendo, pois, completa abstração de todas as intrigas políticas atualmente, só conhece, neste momento, uma única política: aquela de sua propaganda, de sua extensão e de sua organização. — No dia em que a grande maioria dos trabalhadores da América e da Europa tiver ingressado e estiver bem organizada em seu seio, não haverá mais necessidade de revolução;

sem violência a justiça será feita. E, então, se houver cabeças quebradas, é porque os burgueses assim o quiseram.

Mais alguns anos de desenvolvimento pacífico, e a Associação Internacional tornar-se-á uma força contra a qual será ridículo querer lutar. Eis o que os burgueses compreendem demasiado bem, e eis por que eles hoje nos provocam para a luta. Hoje, eles esperam ainda poder nos afastar, mas sabem que amanhã será demasiado tarde. Eles querem forçar-nos a travar batalha com eles agora.

Cairemos nessa armadilha grosseira, operários? Não. Faríamos muito prazer aos burgueses e arruinaríamos a nossa causa por muito tempo. Temos conosco a justiça, o direito, mas nossa força ainda não é suficiente para lutar. Comprimamos, pois, nossa indignação em nossos corações, permaneçamos firmes, inquebrantáveis, mas calmos, quaisquer que sejam as provocações dos jovens arrogantes e impertinentes da burguesia. Suportemos ainda; não estamos habituados a sofrer? Soframos, mas não esqueçamos nada.

E, enquanto aguardamos, prossigamos, redobremos, ampliemos cada vez mais o trabalho de nossa propaganda. É preciso que os trabalhadores de todos os países, os camponeses bem como os operários das fábricas e das cidades, saibam o que quer a Associação Internacional, e compreendam que, fora de seu triunfo não há para eles qualquer outro meio de emancipação sério; que a Associação

Internacional é a pátria de todos os trabalhadores oprimidos, o único refúgio contra a exploração dos burgueses, a única força capaz de derrubar o poder insolente dos burgueses.

Organizemo-nos, ampliemos a nossa Associação, mas, ao mesmo tempo, não esqueçamos de consolidá-la a fim de que nossa solidariedade, que é toda a nossa força, torne-se a cada dia mais real. Sejamos cada vez mais solidários no estudo, no trabalho, na ação pública, na vida. Associemo-nos em empresas comuns para fazer nossa existência um pouco mais suportável e menos difícil; formemos em toda parte, e tanto quanto nos seja possível, essas sociedades de consumo, de crédito mutual e de produção, que, conquanto incapazes de emancipar-nos de uma maneira suficiente e séria nas condições econômicas atuais, habituam os operários à prática dos negócios e preparam germes preciosos para a organização do futuro.

Esse futuro está próximo. Que a unidade de escravidão e miséria que hoje abraça os trabalhadores do mundo inteiro, transforme-se para todos nós em unidade de pensamento e vontade, de objetivo e ação, — e a hora da libertação e da justiça para todos, a hora da reivindicação e da plena satisfação soará.